



atos

do conselho geral

ano LXXIX janeiro - março 1998

Nº 362

**Órgão oficial
de animação
e de comunicação
para a
congregação salesiana**

**ROMA
DIREÇÃO GERAL
OBRAS DE DOM BOSCO**

atos

**do Conselho Geral
da Sociedade Salesiana
de São João Bosco**

ÓRGÃO OFICIAL DE ANIMAÇÃO E DE COMUNICAÇÃO PARA A CONGREGAÇÃO SALESIANA

**Nº 362
ano LXXIX
janeiro-março
1998**

1. CARTA DO REITOR-MOR	1.1. P. Juan E. VECCHI LEVANTAI VOSSOS OLHOS E VEDE OS CAMPOS QUE ESTÃO BRANCOS, PRONTOS PARA A COLHEITA. O nosso empenho missionário em vista do ano 2000	3
2. ORIENTAÇÕES E DIRETRIZES	2.1. P. Luciano ODORICO OS FUNDAMENTOS DA PRÁXIS MISSIONÁRIA SALESIANA	38
3. DISPOSIÇÕES E NORMAS	<i>Não constam neste número</i>	
4. ATIVIDADES DO CONSELHO GERAL	4.1. Crônica do Reitor-Mor 4.2. Crônica dos Conselheiros Gerais	47 54
5. DOCUMENTOS E NOTÍCIAS	5.1. Intervenção do Reitor-Mor no Sínodo 5.2. Comunicação do Reitor-Mor ao Senado Acadêmico da UPS 5.3. Um serviço às instituições universitárias salesianas 5.4. Novos Bispos Salesianos 5.5. Reitor da Universidade Pontifícia Salesiana 5.6. Irmãos falecidos	79 82 90 92 93 95

Tradução: *P. José Antenor Velho*



**Editora Salesiana
DOM BOSCO**

Rua Dom Bosco, 441

CEP 03105-020 — São Paulo — SP

Fone: (011) 277-3211

Fax: (011) 279-0329

Telex: (011) 32 431 ESPS BR

E-mail: sdbmooca@salesianos.org.br

Home page: <http://www.salesianos.org.br>

LEVANTAI VOSSOS OLHOS E VEDE OS CAMPOS QUE ESTÃO BRANCOS, PRONTOS PARA A COLHEITA¹

O nosso empenho missionário em vista do ano 2000

1. Com o olhar de Cristo. — 2. Uma Família missionária. — 3. Uma nova fase em nossa práxis missionária. — 4. O primado da evangelização. — 5. Uma tarefa necessária e delicada: a inculturação. *Aprofundamento do mistério de Cristo; compreensão adequada da cultura; em comunidade; o processo de inculturação; os percursos.* — 6. O diálogo inter-religioso e ecumênico. *Atitudes e modalidades salesianas no diálogo.* — 7. Uma palavra de ordem: consolidar. — 8. Novas fronteiras. — 9. Juntos rumo ao ano 2000. Conclusão.

Roma, 1º de janeiro de 1998
Solenidade de Maria Santíssima Mãe de Deus

1. Com o olhar de Cristo

«Levantai vossos olhos e vede os campos»², é o convite de Jesus aos discípulos, quando após o diálogo com a Samaritana, eles sugerem que se alimente. Misterioso o olhar do Senhor, que vê o mundo como uma messe pronta para a colheita!

Encontramos o segredo desse olhar em suas palavras: «Meu alimento é fazer a vontade dAquele que me mandou e cumprir sua obra até o fim»³. A vontade do Pai é a salvação de toda pessoa. Com Cristo, Salvador universal, ela é anunciada e estendida a todas as nações e a todos os tempos.

Enquanto vai-se realizando, o Pai age na humanidade. Prepara o coração de muitas pessoas e mantém vivas as expectativas dos povos, para que consigam ler os sinais da

¹ Jo 4,35

² Jo 4,35

³ Jo 4,34

própria salvação. Inspira a intervenção daqueles que aderem à sua vontade e possuem o mesmo amor de Cristo pelo homem. Por isso há sempre muito a colher no mundo. Jesus afirma-o no presente: «É o momento de colher»⁴.

O amadurecimento da messe deve-se também à comunhão admirável que o Espírito cria entre as gerações numa história real de salvação. «Outros trabalharam antes de vós, e vós viestes recolher os frutos do seu esforço»⁵. Nada se perdeu dos esforços e dos tempos anteriores, apesar das aparências de infecundidade e de lentidões.

A missão de Jesus em terra samaritana é como o prelúdio da evangelização dos povos. Sugere o espírito com que será realizada. Aos discípulos, ignaros do projeto de Deus, Jesus indica o tempo no qual realizá-lo: agora!

É preciso aprender a olhar e pôr-se em ação sem esperar, como eles pensam, outras fases de amadurecimento. Já está tudo pronto, predisposto pelo Pai, pelo Filho, pelo Espírito Santo. Deve-se proceder à colheita e fazer novas sementeiras: «Um semeia e outro recolhe»⁶. Serão o olhar e a confiança a guiarem a empresa que Ele lhes confiará: «Ide ao mundo todo, anunciai o evangelho a toda criatura»⁷.

Jesus também ensina a perceber os “sinais” da maturidade dos tempos. O dom de Deus chega àqueles que eram tidos como excluídos e torna-se, neles, fonte interior de inteligência, de amor e de paz; eles, por sua vez, tornam-se anunciadores de Jesus pelo testemunho e pela palavra; há um novo espaço no qual se dá o encontro do homem com Deus, acima e independente de qualquer lei e experiência religiosa anterior, válido para todos. É o espaço criado pela oferta de Deus e pela acolhida sincera do homem: «Vem a hora em que não será mais neste monte, nem em Jerusalém, que adorareis o Pai... Os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em Espírito e verdade»⁸. Afirma-se, ao mesmo

⁴ Cf. Jo 4,35

⁵ Cf. Jo 4,38

⁶ Cf. Jo 4,37

⁷ Mc 16,15

⁸ Jo 4,23

tempo, o caráter histórico e único do acontecimento que marca a manifestação de Deus: «A salvação vem dos Judeus»⁹.

Eu também, com o olhar sugerido aos discípulos pelo Senhor, pude perceber a abundância da colheita a ser feita hoje e a extensão das terras a serem semeadas para o futuro. Entrevi a obra de preparação que o Pai realizou e está realizando à espera daqueles que ele mandará ao trabalho.

Os tempos estão maduros. Isso se percebe na escuta que tantas pessoas dão ao anúncio do Evangelho, na acolhida que têm as propostas de bem, na generosidade dos que se unem a nós em iniciativas apostólicas e missionárias. Frutos são recolhidos em todas as partes, mesmo quando os campos, conforme o Senhor já tinha predito, possuem também espaços áridos e infecundos.

Em 28 de setembro passado, na Basílica de Maria Auxiliadora, entreguei o crucifixo a 33 novos missionários. Era a 127ª expedição que nos ligava à primeira, cheia de audácia e profecia, que Dom Bosco preparou e enviou em 11 de novembro de 1875. Enquanto fazia o gesto, agradecia ao Senhor pelos sinais de nova fecundidade que brotavam no grupo. Os missionários vinham de todos os continentes e contavam-se entre eles também alguns leigos. Em algum caso (um jovem casal!) a vocação missionária estava unida e como que integrada na promessa matrimonial. Alguns eram destinados à continuação de um trabalho iniciado anteriormente, enquanto se confiava a outros lavrar terrenos novos e fundar novas presenças: colher e semear!

Pensava então na “lei” que se verifica sempre no trabalho apostólico: «A messe é grande, poucos os operários»¹⁰. É uma constante da evangelização. O Pai preenche o mundo com os seus dons e os seus convites. A riqueza de Cristo é imensa. Os operários, mesmo que se centuplicassem, seriam sempre poucos para dispensar tanta abundância.

Os mesmos pensamentos ocuparam a minha mente enquanto visitava a nossa antiga missão na China ou alegrava-me com os irmãos pela nova semeadura no Camboja;

⁹ Jo 4,22

¹⁰ Mt 9,37

quando na África do Sul constatava a abundância dos resultados (particularmente na Suazilândia e Lesoto) e quando detinha-me prevendo o que estaria acontecendo em outros lugares que hoje estão nas primeiras fases do trabalho.

2. Uma Família missionária

Dom Bosco sentiu-se atraído pelo trabalho missionário. O seu desejo e intenção não se traduziram de imediato numa “partida geográfica” como pensara. O discernimento iluminado do seu confessor entreviu outras estradas preparadas para ele.

O espírito missionário, entretanto, permaneceu nele com a mesma intensidade e inspirou a sua visão, o seu impulso e a sua colocação pastoral: ele foi missionário em Turim. Foi ao encontro das camadas marginalizadas e esquecidas dos jovens; laçou-se às fronteiras urbanas da evangelização e da educação.

Realizou mais tarde também o propósito missionário em terras distantes, através de muitos caminhos: enviando todos os anos, desde 1875, expedições missionárias, acendendo nos jovens e nos irmãos a paixão pela difusão do evangelho e o entusiasmo pela vida cristã, sonhando de dia e de noite novas empresas, difundindo através do Boletim a sensibilidade missionária, criando recursos e cultivando relações que facilitassem a obra dos missionários.

O traço missionário tornou-se, dessa forma, típico de cada salesiano, porque enraizado no mesmo espírito salesiano. Não se trata, pois, de algo acrescentado por alguns. É como o coração da caridade pastoral, o dom que caracteriza a vocação de todos.

Cada um, onde se encontre, considera «a sua ciência mais eminente conhecer Jesus Cristo, e a alegria mais profunda, revelar a todos as insondáveis riquezas do seu mistério»¹¹. Pensa por isso naqueles que precisam da luz e da graça de Cristo; não se contenta em cuidar dos que já “estão aí”; mas vai às fronteiras sociais e religiosas.

¹¹ Cf. *Const.* 34

Não foi por acaso que Paulo VI nos chamou de “missionários dos jovens”: catequistas para alguns e portadores do primeiro anúncio de vida para tantos outros; educadores nas instituições e também itinerantes no vasto campo das situações juvenis não alcançadas por essas instituições.

Dom Bosco uniu as duas direções da missionariedade nas mesmas expedições missionárias. O P. Ceria quis documentá-lo nos Anais: «Premia-o também, escreve, a condição dos italianos que em número muito grande e sempre mais crescente, viviam dispersos (...). Exilados voluntários em busca de sucesso, sem escolas para as crianças, longe de qualquer possibilidade de práticas religiosas quer pela distância quer pela falta de bons padres que falassem a sua língua, corriam o risco de formar amontoados de população sem fé e sem lei»¹². O projeto missionário compreendia também “os cristãos” afastados, esquecidos, abandonados, emigrantes.

Falou-se nos últimos tempos de “terras de missão”, e não só pelo gosto de imaginar, em relação aos contextos marcados pela tradição cristã. A paróquia foi definida “comunidade missionária”, a escola, “ambiente de missão”. Salvas as distinções técnicas, é evidente que cada uma de nossas comunidades encontra-se hoje em frentes muito semelhantes aos de primeira evangelização.

Como o sentido missionário não é um traço opcional, mas pertence à identidade do espírito salesiano em todas as épocas e situações, propusemo-la na programação do Reitor-Mor e do seu Conselho, a todas as Inspetorias como área de atenção para o sexênio 1996-2002.

Indicamos entre as intervenções operativas, através das quais realizar a significatividade, reforçar o empenho da Congregação em relação aos mais necessitados, ter em vista uma educação mais intensa dos jovens à fé, fazendo com que surjam vocações, e orientar com decisão o maior volume de energias possíveis (pessoas, projetos, meios) para as missões “ad gentes”.

¹² CERIA E., Annali, Vol. I, pág. 252

O espírito e o estilo missionário têm o próprio sinal eloquente na disponibilidade de muitos irmãos a trabalharem em zonas de primeiro anúncio e de fundação da Igreja; são, porém, assumidos e vividos por todos no desenvolvimento da própria missão. A vontade de evangelizar e a capacidade de exprimir com transparência a mensagem evangélica é o ponto em que se unem as suas diversas realizações.

Os irmãos que se encaminham às fronteiras sentem-se apoiados pela oração, pela proximidade, pela colaboração concreta de todos os outros que, com eles, partilham a mesma paixão. As Constituições afirmam, por isso, que no trabalho missionário reconhecemos um “traço essencial da nossa Congregação”¹³.

Já tive a oportunidade de exprimir-me sobre o nosso movimento para os mais pobres na carta intitulada “Teve compaixão deles”¹⁴, e este continua um dos critérios fundamentais de recolocação. Trata-se, de fato, do traço que marca o momento nascente do nosso carisma e revela a força que move a comunidade dos discípulos de Cristo: a caridade.

A missão “ad gentes” é o objeto desta carta. Entendo propor algumas orientações em duas linhas de ação, que hoje parecem mais urgentes: qualificar as presenças missionárias existentes e caminhar para novas fronteiras. Consolidar e caminhar; dar consistência “pastoral” ao que se iniciou ultimamente e lançar-nos em terras ainda não batidas e destinatários não alcançados, para que a luz do evangelho chegue a todos.

Tenho sempre presente, e é um ponto firme também pelos acenos que lhes ofereço, uma particularidade da obra missionária dos Salesianos: ela empenha-se na primeira evangelização e na fundação das Igrejas; mas é chamada, desde o início, a enriquecer a comunidade cristã com um carisma singular: o da predileção pelos jovens, na vertente educativa e popular.

O carisma determina, sem fechá-la, a modalidade e a direção da obra missionária, enquanto ela dá vitalidade ao

¹³ *Const.* 30

¹⁴ Cf. ACG 359, abril-junho 1997

carisma levando-o de novo ao seu vigor evangélico e ao seu sentido eclesial.

Gostaria de suscitar em todas as Inspetorias um entusiasmo renovado pelas missões e convidar os irmãos, de qualquer idade, a considerarem a possibilidade do trabalho missionário.

Permita o Senhor que aconteça hoje o que aconteceu em Valdocco quando Dom Bosco imaginou, preparou e enviou a primeira expedição e as que se sucederam imediatamente.

«Entretanto, narram os Anais, as ações e as palavras de Dom Bosco sobre as Missões tinham lançado um fermento novo entre alunos e sócios. Viram-se, então, multiplicar-se as vocações ao estado eclesiástico; cresceram sensivelmente, também, os pedidos para inscreverem-se na Congregação e o ardor do apostolado apossou-se de muitos que nela estavam inscritos»¹⁵.

3. Uma nova fase em nossa práxis missionária

A nossa práxis missionária encontra-se hoje no sulco de uma tradição de empreendimento, zelo, tenacidade e criatividade; os resultados são inegáveis. Mereceria um estudo mais cuidadoso, a fim de podê-la entender a fundo e fazê-la frutificar. Ela inseriu-se e foi comprovada em áreas geográficas e culturais muito diversas ao longo de um arco de tempo que dá segura garantia da sua consistência. O primeiro projeto missionário de expansão na América (1875-1900), o que levou à difusão da Congregação na Ásia (1906-1950) e à recente expansão na África plasmaram uma modalidade típica de ação missionária cujos traços foram recolhidos sinteticamente nas Constituições e Regulamentos¹⁶.

Pede-se hoje um repensamento dessa práxis. A reflexão do Concílio Vaticano II e os aprofundamentos da teologia deram novas perspectivas à missionologia, diante de acontecimentos que marcam a vida da Igreja e o mundo atual: o movimento ecumênico, o despertar e a valorização das reli-

¹⁵ CERIA E., Annali, Vol. I, pág. 252

¹⁶ Cf. *Const.* 30; *Reg.* 11. 18. 20. 22

giões, o valor humano e social das culturas, a intercomunicação em nível mundial, o crescimento das novas Igrejas e sua vivência de fé em interação com o contexto, o declínio de antigas zonas de cristandade.

Fenômenos, esses, que provocaram um aprofundamento a respeito da graça da criação e da obra do Pai na salvação de toda pessoa assim como na presença do Espírito na vida da humanidade.

Ao lado das novas perspectivas surgem interrogativos, que devem ser por nós conhecidos e devidamente resolvidos do ponto de vista doutrinal e prático. Dizem respeito ao valor do cristianismo para a salvação do homem, a dimensão da mediação universal de Cristo, o papel da Igreja e, como consequência, o mesmo sentido da evangelização e de seus caminhos atuais.

Perspectivas e interrogativos que foram enfrentados pela carta encíclica *Redemptoris Missio*, cujo estudo atento torna-se indispensável. Sobre os mesmos argumentos vão-se expressando, com riqueza de reflexão e análises circunstanciadas, os Sínodos convocados em vista da nova evangelização.

Indicações para a nossa práxis missionária também vêm hoje das solicitações da Exortação Apostólica *Vita Consecrata*. Ela, com efeito, confia aos religiosos a atenção de alguns aspectos que emergiram nos últimos anos.

Paulo VI já sublinhara a participação dos religiosos na obra missionária: «Eles são empreendedores, e o seu apostolado é marcado muitas vezes pela originalidade, a genialidade que levam à admiração. São generosos: são encontrados nos postos avançados da missão, e assumem grandes riscos para a própria saúde e para a própria vida»¹⁷.

João Paulo II iluminou-o na *Redemptoris Missio*: «A história atesta a extraordinária e benemérita ação das Famílias religiosas, em favor da propagação da fé e da formação de novas Igrejas: das antigas Instituições monásticas às Congregações modernas, passando pelas Ordens medievais»¹⁸.

¹⁷ EN 69

¹⁸ RM 69

Com uma expressão mais direta, *Vita Consecrata* considera a “missio ad gentes” uma dimensão de todos os carismas, porque compreendida na doação total suposta pela consagração. A sua missão — afirma — explica-se não só através das obras próprias de cada Instituto, mas sobretudo com a participação na grande obra eclesial da “missão ad gentes”¹⁹.

A Igreja espera hoje dos consagrados “a máxima contribuição possível”²⁰ e confia-lhes a tarefa específica de anunciar Cristo a todos os povos com entusiasmo renovado.

Além da contribuição quantitativa, realizada no passado, verificável no presente e desejado para o futuro, a Exortação Apostólica sublinha alguns aspectos atuais da ação missionária para os quais os religiosos parecem particularmente dotados.

Atribui aos consagrados uma capacidade particular de inculturar o evangelho e o carisma nos diversos povos. «Com o apoio do carisma dos fundadores e fundadoras, muitas pessoas consagradas souberam aproximar-se das diversas culturas, com a atitude de Jesus, que “se despojou a si mesmo assumindo a condição de servo” (*Fl* 2,7), e, com um paciente e audaz esforço de diálogo, estabeleceram contatos proveitosos com os povos mais diversos, anunciando a todos o caminho da salvação»²¹. Espera-se muito deles, portanto, quanto ao esforço e à direção da inculturação.

Algo de semelhante é afirmado a respeito do diálogo religioso. Uma vez que a experiência de Deus é o centro da vida dos consagrados, eles têm uma particular disposição para entrar em diálogo com outras experiências, igualmente sinceras, presentes nas diversas religiões²².

Corresponde, por outro lado, ao novo peso adquirido pela vida consagrada, o renovado impulso dado à condição laical. Se as Igrejas fundadas devem, desde o seu início, manifestar a santidade e a novidade de vida do povo de

¹⁹ Cf. VC 72. 78

²⁰ VC 78

²¹ VC 79

²² Cf. VC 79. 102

Deus, a formação cristã dos crentes é primordial. Os leigos, por sua vez, são chamados a desenvolver a própria capacidade de participação ativa na comunidade e de serviço ao mundo. A nova dimensão do laicato modifica a própria imagem da comunidade cristã e o seu funcionamento. Os leigos, insiste a Exortação Apostólica *A Igreja na África*, «serão ajudados a tomar sempre mais consciência do papel que devem ocupar na Igreja (...). Conseqüentemente devem ser formados para isso»²³.

Ordenam-se diversamente, nesse quadro de referência, os esforços e competências dos consagrados e dos sacerdotes.

Examinemos algumas questões à luz desses estímulos, supondo conhecida a práxis salesiana ordinária.

4. O primado da evangelização

A evangelização implica uma pluralidade de aspectos: presença, testemunho, pregação, apelo à conversão pessoal, formação da Igreja, catequese; e ainda: diálogo inter-religioso, educação, opção preferencial pelos pobres, promoção humana, transformação da sociedade. A sua complexidade e articulação foi relevada e apresentada de forma autorizada pela *Evangelii Nuntiandi*²⁴.

Há, porém, um núcleo principal, sem o que a evangelização não é tal, que dá sentido e orienta a conjunto e dita até mesmo os critérios e modalidades segundo os quais tudo o mais deve ser realizado: é **o anúncio de Cristo**, o primeiro anúncio que apresenta Jesus Cristo a quem ainda não o conhece e o caminho posterior com que o seu mistério é aprofundado até levar ao apostolado.

O Sínodo da Igreja na África diz que «evangelizar é anunciar através da palavra e da vida a boa nova de Jesus Cristo crucificado, morto e ressuscitado, caminho, verdade e vida»²⁵. Anunciar a boa nova é convidar cada pessoa e

²³ EA 90

²⁴ Cf. EN 17

²⁵ EA 57

cada sociedade ao encontro personalizado e comunitário com a pessoa viva de Jesus Cristo²⁶.

De que modo os aspectos enunciados acima devem ser considerados ou resultam, na realidade, complementares e convergentes rumo à única meta que é justamente o conhecimento sempre mais profundo de Cristo, a adesão de fé à sua pessoa e a participação na sua vida? É uma questão que não deve ser resolvida apenas de modo doutrinal pelas comunidades missionárias, mas também no projeto cotidiano de ação.

Podem existir, de fato, na práxis missionária, desequilíbrios quanto à opção, aos limites de visão ou capacidade, à falta de atenção. É preciso, para preveni-los, **estabelecer algumas prioridades e cuidar de algumas medidas**. Uma delas é a justa relação entre o anúncio explícito de Cristo em suas diversas formas (o primeiro anúncio, a catequese, o cuidado pela comunidade dos crentes, a formação cristã das pessoas) e a promoção humana. A Exortação *Evangelii Nuntiandi* apresentou com clareza definitiva as suas “ligações profundas” e a sua distinção; ofereceu também os princípios iluminadores para perceber o alcance e o sentido profundo da libertação, como anunciou-a e realizou-a Jesus de Nazaré e como pratica-a a Igreja²⁷.

A tradição e o espírito salesiano sublinham a harmonia e a referência recíproca entre essas dimensões da evangelização colocando, ao mesmo tempo, às claras a sua hierarquia de significado. Encontramos uma formulação mais clara nas Constituições: «Educamos e evangelizamos segundo um projeto de promoção integral do homem, orientado para Cristo, homem perfeito»²⁸; «também para nós a evangelização e a catequese são a dimensão fundamental da nossa missão»²⁹. O nosso empenho pelo homem toma o seu significado a partir dela e dAquele que é o seu objeto.

²⁶ Cf. *Ib.*

²⁷ *EN* 31

²⁸ *Const.* 31

²⁹ *Const.* 34

É preciso, pois, dar prioridade à evangelização em suas diversas formas: em nossa preparação, em nossa dedicação, no emprego do nosso tempo, pessoas e recursos.

O ideal da situação missionária é o que fora projetado pelas orientações operativas do CGE quando pediam que a Inspetoria se tornasse “comunidade a serviço da evangelização”³⁰, que toda comunidade salesiana se tornasse “comunidade evangelizadora”³¹, que todo salesiano fosse “evangelizador”³².

Há outro equilíbrio a estabelecer-se no interior disso: entre primeiro anúncio e cuidado pelo crescimento na fé dos indivíduos e da comunidade cristã, entre esforço de difusão e consolidação. Este último compreende a educação dos jovens na fé, a formação dos adultos segundo suas diversas situações, a preparação dos agentes e ministros, a unidade e o testemunho das comunidades cristãs, o empenho apostólico por parte dos crentes.

Os dois aspectos devem ser convenientemente satisfeitos: estender o anúncio e dar consistência à comunidade. Trata-se de uma tarefa das Inspetorias, de cada comunidade e de cada pessoa, que se devem tornar capazes de conduzir o processo de evangelização até seus níveis excelentes.

Há, enfim, a dosagem oportuna entre meios e anúncio, entre estruturas e presença entre o povo, entre organização das obras e comunicação direta, entre serviço e inserção. Meios, estruturas e organização são funcionais ao anúncio, à presença e à comunicação. Deveriam ser-lhes proporcionais e correspondentes no estilo. É preciso repensar estruturas e meios à luz de um projeto mais centrado no essencial, quando eles são muito grandes e pesados, ou quando para criá-los e mantê-los devemos limitar excessivamente a nossa meditação da Palavra a ser proclamada, a comunicação direta, a dedicação ao anúncio e à formação das pessoas.

³⁰ CGE 337

³¹ CGE 339

³² CGE 341

5. Uma tarefa necessária e delicada: a inculturação

Trata-se de um tema hoje muitas vezes enfocado e aprofundado. É apresentado de forma orgânica em diversos documentos eclesiais. Os Sínodos continentais ocuparam-se extensivamente dele. Os textos preparatórios, as discussões e as Exortações que seguiram falaram dele com clareza suficiente, sublinhando a sua urgência, explicitando os seus fundamentos teológicos, indicando critérios e caminhos de sua realização e individualizando os campos preferenciais de sua aplicação³³.

A nossa síntese típica entre educação e evangelização faz-nos particularmente sensíveis à inculturação; por isso, também, nós Salesianos damos-lhe atenção. O P. Egídio Viganò tratou dela em diversas cartas³⁴. O CG24 fez-lhe referência como exigência e caminho para educar e fazer participar na missão e na espiritualidade salesiana³⁵.

O risco para agentes práticos como nós é que depois de tantas iluminações, necessárias, mas também articuladas e aplicáveis em diversas direções, não encontremos as linhas comunitárias de realização e, conseqüentemente, renunciemos ao esforço ou nos dispersemos em pequenas experiências pessoais nem sempre avaliadas convenientemente. É, pois, oportuno apelar para algumas orientações práticas.

A centralidade do mistério de Cristo

A primeira, embora evidente, é fundamental no discurso da inculturação. Refere-se à realidade histórica e ao caráter único do acontecimento Cristo.

Cristo não é uma realidade simbólica, objeto genérico do sentimento religioso, somatório das aspirações da humanidade, síntese do que se encontra de nobre e generoso nas culturas. Ele é uma pessoa concreta, histórica, com uma biografia singular, diversa também por todos os elementos

³³ Cf. EA 59-64

³⁴ Cf. ACG 316, 336, 342

³⁵ Cf. CG 24 15. 55. 131. 255

adquiridos e expressos pela humanidade colocados juntos. Manifestou-se como um evento único e irrepetível. Dele testemunham os Apóstolos. O Jesus que contemplaram com seus olhos e que suas mãos tocaram³⁶ é o Cristo Senhor, o mesmo em qualquer lugar, ontem, hoje e sempre, que permanece conosco até o fim do mundo.

O Reino que Ele prega e a vida que propõe não são o acúmulo ou o somatório dos bens que o homem pode desejar e experimentar. São a comunicação gratuita de Deus, concretizada numa aliança e numa promessa que tiveram realização histórica na sua pessoa.

Ele não deixa atrás de si apenas uma “doutrina” que somos encarregados de traduzir em palavras ou conceitos adequados, uma moral a ser adaptada às diversas situações, mas oferece gestos e fatos salvíficos a serem “vividos” e “celebrados” numa relação vivida pessoalmente e comparilhada em comunidade.

Pode assumir todas as “sementes” de verdade e de bem, espalhados na história humana, mas não de qualquer modo. Critério e modelo para a inculturação são a encarnação, morte e ressurreição de Cristo, eventos definitivos para a salvação do homem.

Inculturar a fé quer dizer fazer penetrar a verdade proposta por Cristo na vida e no pensamento de uma comunidade humana, de modo que consiga exprimir-se com os elementos da cultura e tenha também uma função inspiradora, estimuladora, transformadora e unificadora dessa cultura.

A Encarnação não é a fusão de dois elementos de igual dignidade e energia, mas acolhida da natureza humana por parte de uma pessoa divina. O Verbo, que tem uma personalidade própria divina e completa na Trindade, faz-se homem. Há, pois, um sujeito determinante que assume a humanidade e uma natureza que, purificada e redimida, lhe dá possibilidade histórica de expressão.

Derivam daí algumas indicações para a práxis da inculturação. Uma vez que **a pessoa, a vida e a mensagem de Cristo** têm uma identidade própria e um papel essencial,

³⁶ Cf. *1Jo* 1,1

deve-se dar-lhe uma atenção contínua e principal. Seria inútil, e até perigoso, querer inculturar o evangelho sem o aprofundamento permanente do mistério de Cristo, sem a experiência de relação pessoal com Ele e a comunhão com o seu corpo, a Igreja. Infelizmente percebe-se amiúde uma limitada compreensão dos mistérios que se gostaria de comunicar ou uma mediação muito pessoal, com escassa referência às fontes da fé.

Compreensão adequada da cultura

É necessário, por outro lado, o conhecimento da cultura que vem do estar imersos nela por um tempo suficiente e do ter estudado, de modo reflexo e orgânico, os seus aspectos significativos, como são apresentados em estudos adequados e vividos pela comunidade.

É preciso ter presente, porém, que nenhuma cultura é monolítica e uniforme. Em qualquer âmbito, especialmente hoje, convivem diversas modalidades culturais. A cultura não é nem mesmo uma realidade “fixa”. Está sempre em evolução, pelo desenvolvimento de elementos próprios e em força de intercâmbios com outras culturas. Está sujeita a mudanças, transformações, processos evolutivos, que acontecem através de passagens progressivas, mas também através de saltos devidos sobretudo a causas livres.

Sobre a cultura, portanto, é preciso considerar não só o que foi e o que é, mas o que virá a ser.

Em comunidade

Há, depois, de se levar em conta que a inculturação acontece **numa comunidade**, que é ao mesmo tempo sujeito da cultura e da experiência de fé. Vai-se atuando nela a compenetração de ambas. Colaboram nisso os fiéis, que no cotidiano, sem teorizarem, fundem vida e exigências evangélicas; também influem os especialistas que refletem sobre a fé, perscrutam e interpretam as formas culturais; intervêm os Pastores que acompanham e educam o povo à seqüência

la de Cristo segundo o próprio contexto; são determinantes os “espirituais” que, mais que os outros, intuem, possuem a capacidade de sintonia, descobrem as sementes de evangelho que existem em determinados filões culturais.

Indica-se com razão, então, como critério fundamental a comunhão eclesial. Transferido para o âmbito salesiano, esse critério sugere enfrentar o problema através de uma reflexão da comunidade, inspetorial e local, a fim de caminhar na direção certa.

O processo de inculturação

Outro fator, que é preciso considerar na inculturação, é o tempo. Não se trata tanto do tempo “cronológico”, isto é, unicamente do passar dos anos, quanto do tempo preenchido pela presença de Cristo, no qual age o Espírito Santo. A expressão eficaz do mistério cristão numa cultura é a “plenitude” dos tempos. A rapidez do processo depende da intensidade com que a comunidade cristã vive o mistério de que é portadora e da sua capacidade de tornar-se “fermento” na sociedade.

Isso leva a entender como acontece o **processo de inculturação** para não se deixar tentar por desvios impraticáveis.

Inculturar o evangelho comporta evangelizar a cultura. O que segue um caminho não certamente rígido, historicamente observável: a fé é recebida com a veste cultural daquele que a anuncia. A acolhida da mensagem, segundo as palavras e propostas de quem já a vive, é o primeiro passo necessário para inserir o evangelho numa cultura.

A assimilação profunda do anúncio vai produzindo nas pessoas que o acolhem uma mudança de mentalidade; a conversão progressiva vai transformando os hábitos pessoais e modificando aos poucos as relações e a vida do grupo cristão, até que a fermentação evangélica de tudo o que seja humano lhe dá uma fisionomia original, assim como a humanidade de Jesus caracterizou a presença histórica de

Deus. A fé assume, então, as formas típicas de um povo e torna-se nele fermento de mudança. O processo não é linear, mas circular. Isso evidencia que quanto mais intensamente se trabalha na conversão da pessoa, tanto mais rápida e eficazmente serão atingidos os níveis de inculturação.

Os percursos

A inculturação, enfim, apresenta alguns percursos típicos. Substancialmente são a continuidade, a contestação profética, a criação.

A continuidade leva a assumir os “*semina Verbi*” que se encontram num determinado contexto corrigindo-os, purificando-os, dando-lhes novos significados ou abrindo para eles uma fase nova de desenvolvimento. Pode-nos servir o exemplo de São Paulo no Areópago de Atenas. A religiosidade dos atenienses oferecia espaço ao anúncio e por isso o Apóstolo apóia-se nela. Chega, porém, para os atenienses, o tempo em que aquela religiosidade já não basta nem sequer do ponto de vista humano, em força de um evento que marca uma nova fase: «Deus, porém, não levando em conta os tempos de ignorância, faz saber agora aos homens que todos, em todos os lugares, devem converter-se, porque ele fixou o dia...»³⁷. São muitos os aspectos que se podem assumir numa cultura, mas não sem discernir os seus significados e confrontá-los com o mistério de Cristo.

Nem tudo numa cultura é compatível com o evangelho. Podem existir nela realidades e concepções inconciliáveis com a experiência cristã. E existem também “sistemas”, “conjuntos”, “constelações de elementos” cujo próprio ponto de coerência interna é “não-evangélico”. O cristão e a comunidade, então, são convidados também mediante um confronto com o evento de Cristo, a abandonar, a deixar alguns elementos solidamente radicados numa cultura. Se o fato da Encarnação sugere a condescendência de Deus, que se revestiu da natureza humana, a morte e a ressurreição de Cristo indi-

³⁷ At 17,30

cam a passagem pela qual a mesma natureza pode alcançar a forma à qual é destinada e pela qual foi assumida.

Por último, a fé cristã, por não ser só sentimento subjetivo, mas confissão de fatos históricos e mistério salvífico real, é capaz de produzir **expressões culturais próprias**. A Eucaristia carrega uma cultura, tem significados humanos, palavras, gestos, comportamentos, formas de sociabilidade relacionados indissolivelmente à sua natureza e ao momento histórico da sua instituição. Essa cultura atravessa, por isso, o universo cristão no sentido do espaço e do tempo. Lemos ainda com comoção a narração do que Paulo diz ter recebido do Senhor a respeito da celebração eucarística³⁸ e vemo-lo repetido hoje nas comunidades cristãs espalhadas sob todos os céus.

O mesmo acontece com a oração, que se insere naquela de Jesus, e com os outros sinais nos quais a comunidade cristã se reconhece. É o universalmente válido da experiência cristã, que brota da verdade histórica e da unicidade do evento de Cristo. O Espírito Santo, para exprimir esse *unum*, dá à comunidade eclesial diversidade de línguas, dons, carismas, culturas. O princípio cristológico é critério de unidade, a referência ao Espírito Santo afirma a pluralidade.

Existe uma evidente interação entre fé, cultura da fé e culturas. Quanto mais se medita o mistério cristão e o significado dos gestos e das palavras com que ele foi expresso no momento “nascente”, tanto mais se percebe a sua novidade e, portanto, a sua exigência interna de “converter” a cultura. Quanto mais se aprofundam a estrutura e os elementos de uma cultura particular, tanto mais se compreendem os caminhos pelos quais um povo busca plenitude de humanidade e, portanto, quais são as expressões, intuições, modelos aptos a exprimirem o evangelho.

A dialética é permanente. Não pode existir paz, no sentido de ausência de desafios recíprocos ou uma espécie de convivência definitivamente tranqüila que elimine o confronto.

³⁸ Cf. 1Cor 11,23-26

A inculturação representa não só o caminho de penetração do evangelho num grupo humano, mas também a conversão completa da comunidade cristã. Ela resulta evangelizada, não de maneira decorativa, como uma pintura superficial, quando se chega em profundidade e até às raízes da sua cultura, partindo da pessoa e retornando sempre às relações das pessoas entre si e com Deus³⁹.

A inculturação é sentida, por isso, como urgente em todos os lugares. Não podemos deixar de nos preocuparmos com ela em comunhão com as nossas Igrejas.

6. O diálogo inter-religioso e ecumênico

As considerações precedentes sobre a Encarnação, a unidade de Cristo e a necessidade da sua mediação para a salvação total do homem servem também para iluminar uma outra linha de trabalho: a do diálogo com outras religiões e confissões cristãs.

O **diálogo inter-religioso** é complementar ao anúncio. Aproxima aqueles que de algum modo sentem a presença de Deus, valoriza as sementes de verdade presentes nas diversas religiões, favorece a aceitação recíproca e a convivência pacífica. Recorda-nos as interpelações e as questões colocadas por Jesus aos seus contemporâneos sobre as práticas e crenças religiosas (judeus, gregos, samaritanos, siro-fenícios).

É também parte importante do processo de inculturação, se é verdade, como pensam não poucos estudiosos, que a religião represente o aspecto mais profundo das culturas e, em algumas fases, forma com elas uma única realidade para a gente pobre.

Talvez nunca como hoje teve-se uma experiência tão imediata da pluralidade das religiões. Os meios de comunicação favoreceram ao menos uma sumária informação sobre elas. As possibilidades de deslocamento permitiram fazer experiências parciais e temporárias delas, também por parte de

³⁹ Cf. EN 20.

quem pretendia apenas tirar benefício de algumas manifestações ou satisfazer as próprias curiosidades. São conhecidos os fenômenos relacionados às religiões, como a busca de espiritualidade, o despertar de crenças tradicionais e o integralismo.

Fez-se, na Igreja, um longo e paciente caminho de encontro, compreensão e valorização das diversas religiões. Colabora-se com elas em causas comuns, como a busca da paz, a superação da pobreza, a defesa dos direitos humanos. Temos todos ainda na memória as imagens do encontro de Assis, da visita do Papa ao Marrocos e o seu discurso aos muçulmanos ou, mais recentemente, dos funerais de Madre Teresa de Calcutá.

Os Salesianos trabalham em contextos plurirreligiosos nos quais com frequência os católicos são minoria. A fim de educar e evangelizar, devem conhecer de forma adequada o fato religioso do próprio contexto e a incidência que ele tem sobre as pessoas e a cultura para poder interagir em relação às atitudes, tradições, crenças e práticas religiosas.

O diálogo não diz respeito só à formulação da verdade. Inclui também acolhida, co-presença respeitosa nos ambientes educativos e sociais, experiências compartilhadas no campo promocional, testemunho, serviço. Não é praticado, pois, só em circunstâncias formais, mas desenvolve-se também no cotidiano. Essas modalidades já estão presentes em não poucos ambientes onde atualmente trabalhamos com jovens e gente de outras religiões. Exige-se, agora, que se acrescentem outras mais explícitas quanto ao conteúdo doutrinal, moral, cultural das religiões. Abatem-se assim os preconceitos, adquire-se uma compreensão mais adequada do sentido e das normas propostas em cada religião, favorece-se a liberdade religiosa e a sinceridade de consciência.

A experiência diz-nos que essa forma de diálogo nem sempre é fácil. A suspeita de que a religião cristã esteja relacionada ao predomínio cultural do Ocidente cria não poucas barreiras. A convicção de que Cristo seja mediação necessária e universalmente válida de salvação, apresenta-se co-

mo obstáculo quase intransponível. Vai-se insinuando o pensamento de que qualquer expressão religiosa, seguida com sinceridade de consciência, tenha valor igual para o homem.

O diálogo inter-religioso perde assim interesse e decaem o desejo e a capacidade do anúncio. Não estamos totalmente imunes desse risco.

Outra dificuldade vem dos novos movimentos religiosos, genericamente chamados “seitas”. A sua variedade e diversidade não consente distinguir qual o diálogo que se possa manter com eles. O *Instrumentum Laboris* do Sínodo para a América repete, em reiteradas oportunidades, que o seu proselitismo agressivo, o fanatismo, a dependência que criam nas pessoas através de formas de pressão psicológica e de constrição moral, a crítica e ridicularização injusta das Igrejas e de suas práticas religiosas parecem tornar impossível qualquer forma de diálogo, confronto e colaboração⁴⁰. Somos, entretanto, convidados a compreender as razões de uma certa incidência delas e a favorecer a liberdade de consciência e a convivência pacífica.

Com as devidas distinções supostas nos comentários acima, devemos inserir o diálogo inter-religioso também em nossa pastoral missionária. Somos nisso apoiados por algumas convicções.

A luz e a graça trazidas por Jesus não excluem os caminhos válidos de Salvação presentes em outras religiões⁴¹. Melhor ainda, assumem-nos, purificam-nos e aperfeiçoam-nos. «O Verbo encarnado é a realização da aspiração presente em todas as religiões da humanidade: essa realização é obra de Deus e vai além de qualquer expectativa humana. É mistério de graça»⁴².

O Espírito está presente e age em cada consciência e em cada comunidade que se encaminha para a meta da verdade. Ele precede a ação da Igreja e sugere a cada pessoa o

⁴⁰ Cf. VC 72. 78

⁴¹ Cf. LG 16

⁴² TMA 6

caminho para o bem. Leva, ao mesmo tempo, a Igreja a evangelizar os grupos e os povos que ele, interiormente, já prepara à acolhida. É uma afirmação insistida em muitos documentos recentes do Magistério. «O Espírito, lemos na encíclica *Dominum et Vivificantem*, manifesta-se particularmente na Igreja e em seus membros: a sua presença e ação, entretanto, são universais, sem limites de espaço ou tempo»⁴³. Ele está na origem da própria questão existencial e religiosa do homem, que nasce não só de situações contingentes, mas da mesma estrutura do seu ser... O Espírito está na origem dos nobres ideais e das iniciativas de bem da humanidade em caminho... É ainda o Espírito que espalha as “sementes do Verbo” presentes nos ritos e nas culturas, e os prepara para amadurecer em Cristo⁴⁴.

Tal leitura leva, de um lado, a superar o relativismo religioso que considera as religiões aproximações e caminhos igualmente válidos para a salvação, ignorando, com não leve detrimento dos destinatários, a plenitude de revelação e a singularidade da graça saneadora trazida por Cristo. Por outro lado, encoraja-nos a oferecer com entusiasmo a nossa experiência e a da Igreja com atitudes de respeito e de espera, conscientes das dificuldades das mudanças, abertos às surpresas da graça, gratos e alegres de tantas respostas mesmo apenas parciais, ou até pequenas.

Acrescento somente um aceno ao **diálogo ecumênico**, que se realiza com as outras igrejas cristãs. A unidade é uma das metas insistidas com premência por João Paulo II. É condição e sinal da nova evangelização. A oração, as atitudes e os esforços para construí-la são parte essencial da pastoral atual porque correspondem ao desejo de Jesus e às necessidades do mundo. Toda comunidade é chamada a empenhar-se. Com algumas dessas confissões já se fez um caminho e está aberta a via de intercâmbio na oração e de colaboração na ação.

⁴³ Cf. *DEV* 53

⁴⁴ Cf. *LG* 17; *AG* 3. 15; *RM* 28.

Atitudes e modalidades salesianas no diálogo

Admitida a conveniência de incorporar o diálogo inter-religioso e ecumênico à nossa práxis missionária, é útil indicar algumas atitudes e modalidades para nele intervir com espírito salesiano.

Coloco em primeiro lugar a capacidade, típica do Sistema Preventivo, de descobrir e **valorizar o positivo** onde quer que se encontre. As Constituições propõe-no a todos os Salesianos: «Inspirando-se no humanismo de S. Francisco de Sales, (o salesiano) acredita nos recursos naturais e sobrenaturais do homem, embora não lhe ignore a fraqueza. Acolhe os valores do mundo (...): conserva tudo o que é bom...»⁴⁵. Referem-no particularmente aos missionários quando afirmam que «a exemplo do Filho de Deus assumem os valores desses povos e partilham suas angústias e esperanças»⁴⁶.

Há, depois, **o desejo de encontro** com as pessoas, inspirado na confiança e na esperança. O salesiano toma a iniciativa de caminhar na direção de cada destinatário, seja ele cristão ou fiel de outras religiões. Vai com a sua carga de humanidade (a bondade!) e convicto de que há em cada coração um terreno fértil para a revelação da verdade e a generosidade no bem.

Recordo, por último, **a paciência que sabe alegrar-se com os pequenos passos**, esperar frutos futuros, acompanhar intuições ou descobertas, entregar a Deus o momento do amadurecimento da fé, aproveitar de qualquer ocasião para comunicar, através da amizade e da palavra, a experiência pessoal do evangelho.

As **comunidades** têm uma particular importância no diálogo religioso. Ele é, de fato, uma obra coral, mais do que de pioneiros solitários. A comunidade eclesial é “sinal e instrumento” de salvação e comunica-se sem interrupção com a sociedade, emitindo sinais com o seu ser, mais ainda do que com suas pregações. Todas as comunidades, no interior da Igreja, como as dos consagrados e as educativas,

⁴⁵ *Const.* 17

⁴⁶ *Const.* 30

abrem ou fecham as possibilidades de diálogo com o seu estilo de vida e a sua capacidade de acolhida.

É acertado que nas **comunidades educativas** plurir-religiosas, animadas pelos nossos irmãos, convive-se, aprende-se a tolerância, conhecem-se e valorizam-se elementos de outras religiões, tornam-se presentes sinais e práticas cristãs, prestam-se ao diálogo profundo com os que desejam conhecer melhor Jesus Cristo.

A respeito das comunidades dos consagrados, por outro lado, a Exortação *Vita Consecrata* sublinha o papel particular que elas podem ter na comunicação com outras experiências religiosas através do conhecimento e respeito recíprocos, da amizade e sinceridade cordiais, «da comum solicitude pela vida humana, que vai da compaixão pelo sofrimento físico e espiritual ao empenho pela justiça, a paz e a salvaguarda do criado»⁴⁷, do diálogo de vida e da experiência espiritual.

Será importante, nos lugares de missão, neste como nos outros aspectos da vida missionária (inculturação, formação, etc.), cuidar de uma constante e ampla **colaboração** com os demais missionários, religiosos ou leigos, para dar uma contribuição mais rica ao empenho comum pelo Reino.

7. Uma palavra de ordem: consolidar

A Congregação, apesar da escassez de vocações em vastas zonas, abriu-se com generosidade nos últimos vinte anos para novas presenças missionárias. O carisma salesiano foi levado a numerosos países. Ao Projeto África, somou-se, logo depois, um intenso movimento para o Leste europeu e a expansão no Sudeste da Ásia (Indonésia, Camboja).

Concluída felizmente a fase de fundação, está agora em andamento, em alguns desses contextos, a fase da consolidação quanto às comunidades, às estruturas, ao projeto pastoral.

Justamente em vista dessa consolidação e reconhecendo os resultados já alcançados, quero indicar algumas urgên-

⁴⁷ Cf. VC 102

cias. Confio-as particularmente aos missionários que trabalham no lugar e às Inspetorias responsáveis pelas presenças missionárias.

O esforço principal deve ser dirigido à **formação**. Quanto ao que se relaciona com a formação inicial, já construídas as sedes e fundadas as comunidades formadoras, é necessário prover à preparação de pessoal e à constituição de equipes suficientes do ponto de vista numérico e qualitativo. Será conveniente criar ao mesmo tempo a comissão para a formação e ativar a elaboração do Diretório prescrito pelos Regulamentos⁴⁸. Assumindo as orientações normativas comuns e a experiência do lugar, o diretório haverá de tornar-se um instrumento de inculturação segundo o que comentei nas páginas anteriores.

Vai-se impondo em todos os lugares a necessidade de conhecer o **substrato cultural e religioso dos candidatos** para fazer um cuidadoso discernimento de suas capacidades e motivações e acompanhá-los pedagogicamente, para que interiorizem as atitudes de vida consagrada e vivam de maneira personalizada o genuíno espírito salesiano, convenientemente contextualizado. A verdadeira fundação do carisma num país consiste na assimilação profunda e convicta do espírito, além da prática externa. As comunidades de formação sejam cuidadas, portanto, em particular quanto ao pessoal, a partir daquele do noviciado.

A formação inicial busca hoje o seu modelo e perfil na **permanente**, e visa a torná-la geral e eficaz. A formação permanente é, pois, um aspecto indispensável de consolidação. Compreende o empenho pessoal de oração e vida espiritual, de reflexão e estudo, de qualificação e preparação progressiva para a missão, do que jamais o trabalho de evangelização pode se separar. Compreende também a qualidade da vida da comunidade local e inspetorial. Verificou-se sempre e em todos os lugares que a eficácia evangelizadora depende

⁴⁸ Cf. *Reg.* 87

do estilo comunitário da vida fraterna, da oração e de um projeto ordenado mais do que do ativismo individualista.

A Exortação Apostólica *Vita Consecrata* recorda que a comunhão já é missão pela sua força de testemunho evangélico. As “comunidades missionárias” talvez mais do que as outras são chamadas a tornar-se lugar de crescimento permanente.

Acrescentem-se para cada um os tempos extraordinários de atualização, síntese e recarga. Eles são pensados em vista de um conveniente repouso periódico; mas sobretudo para dar nova profundidade à vida cotidiana e ao empenho de evangelizadores. Será conveniente torná-los regulares e específicos.

Uma segunda atenção deve ser voltada à **qualificação do nosso trabalho** educativo e pastoral. Indico, à luz da experiência, alguns elementos a serem cuidados de modo especial.

Um deles é a harmonia e a integração entre evangelização, promoção humana e educação.

A primeira, **evangelização**, constitui a principal finalidade. É a razão da nossa vida e das nossas obras. Dê-se, portanto, a ela, como dissemos, a preferência nos tempos, meios, emprego de pessoas, qualificações e planos.

A **educação** é, para nós, caminho e modalidade típica. Refere-se principalmente aos jovens, mas dita-nos o estilo a seguir também com os adultos. Dirige-se, pela sua natureza, também àqueles que não são cristãos e não pretendem assumir a fé. Aos cristãos, oferece uma formação humana completa, que se integra com o caminho catequético e de iniciação à fé.

A **promoção humana** é aspecto indispensável da evangelização. Também ela refere-se ao homem e à sociedade enquanto tal; tem finalidade, métodos e dinamismos próprios e pode assumir orientações diversas. Por isso Paulo VI qualifica a promoção favorecida pela Igreja como “evangélica”, “fundada no Reino de Deus”. Isso deve demonstrar-se

na constância e no modo de agir, tornando evidente a finalidade especificamente religiosa da evangelização, que perderia a sua razão de ser caso se distanciasse do eixo que a governa: o Reino de Deus, antes de qualquer outra coisa, em seu sentido plenamente teológico⁴⁹.

Isso tudo encontra um instrumento de clareza, orientação e convergência no **Projeto Educativo Pastoral**, que motiva e sintetiza as diversas dimensões do nosso trabalho: educativa e cultural, de evangelização e catequese, comunitária e associativa, vocacional.

Sua elaboração e realização parecem necessárias para superar a improvisação e as visões muito individuais que desequilibram numa vertente e levam para fora das finalidades. Trabalhar na sua preparação e atuação será uma oportunidade de repensamento da ação, de acordo comunitário e de formação permanente.

A pastoral não alcança os seus fins e o projeto não tem garantia de funcionamento se não se coloca a **qualificação do pessoal** no centro da atenção. Referimo-nos nesse caso aos neófitos, fiéis, colaboradores, animadores, pais e, em geral, as pessoas disponíveis a processos formativos. Para algumas dessas categorias será preciso dedicar cuidados particulares. A experiência que fazem oferece-lhes a oportunidade de entrar mais profundamente em relação com Cristo, e o trabalho que realizam incide de forma determinante na comunidade cristã. Refiro-me aos catequistas e educadores.

Entendo na prática apelar com insistência que todos invistam principalmente na formação das pessoas: o maior número possível e no nível mais elevado possível.

Verifique-se o emprego do dinheiro para distribuí-lo como apoio das atividades mais importantes e reveja-se o emprego das estruturas e a orientação das nossas ocupações a fim de que o que for só instrumental não impeça o principal. Mesmo nas missões, a comunidade deve funcionar como “núcleo animador”.

⁴⁹ Cf. EN 32

Uma terceira atenção volta-se às **condições** para que o evangelho e o carisma salesiano se enraízem nos diversos contextos. A inculturação não é uma operação feita por alguns especialistas à escrivadinha. É a vida cristã e salesiana que progride e vai produzindo uma interpretação típica entre evangelho e costumes.

Vai-se realizando antes de tudo em nós. Exige um sentido de pertença ao lugar, de aprendizado e uso cotidiano da língua, de acolhida dos costumes, melhorados se for necessário, de participação nas relações mais simples e humildes, de compreensão e apropriação da religiosidade popular. Num palavra, pertencer ao lugar e ser percebidos como tais, “fazer-se tudo para todos”.

Esse caminho (pertença, língua, costumes, inserção popular) já empreendido por aqueles que dão o primeiro impulso a uma missão, facilitará a convivência com as gerações nativas e a entrega a eles no momento oportuno.

A isso visa a **criação de circunscrições** que agrupem presenças, reforcem o sentido de pertença, criem co-responsabilidade e permitam a constituição de comunidades compostas por irmãos vindos de diversas nações, que deverão modelar o tipo de vida sobre o critério da inserção e da inculturação.

Concorrem também à inculturação, à qualidade da evangelização, à comunicação do espírito salesiano, à transmissão da memória os arquivos, as bibliotecas especializadas sobre a cultura local, a coleta de material etnográfico e de tudo o que documente a caminhada missionária.

As missões salesianas do primeiro tempo preocuparam-se muito com a dimensão histórica, que correspondia às recomendações dos superiores, a partir de Dom Bosco, e à preparação cultural dos pioneiros. É uma preocupação que hoje deve ser retomada.

8. Novas fronteiras

Temos vários projetos missionários no estaleiro, todos prometedores. Encorajam o seu empreendimento as expec-

tativas que se manifestam nas zonas onde serão iniciados, a riqueza humana e cultural com que se entra em contato e as extremas necessidades às quais se dará resposta. São campos preparados para a colheita. Apresento-os para tornar o discurso mais concreto e compartilhar convosco a alegria da visão voltada para o futuro.

Caminhamos na África, além do reforço e da organização das presenças já estabelecidas, inserindo-nos em novos contextos: Zimbábue, Malavi e Namíbia.

Na Ásia, está em plena atividade a primeira presença no Camboja: um vasto e moderno centro de formação profissional com 500 jovens com possibilidade de um centro juvenil e de ação missionária. Inicia-se uma segunda obra, enquanto exploram-se as possibilidades oferecidas pelo Laos. Recentemente estabeleceram-se comunidades nas Ilhas Salomão e no Nepal, e tem-se em vista uma fundação no Paquistão, para onde serão enviados quatro irmãos no segundo semestre de 1998. Todas as Inspetorias da Índia empreenderam novas iniciativas missionárias.

Há, depois, a China, onde apresentam-se novos tempos repletos de promessas pelas dimensões do território e da população, pelas características humanas, pelos antecedentes missionários e pelos fermentos religiosos. O trabalho no momento desenvolve-se em formas muito originais e atípicas. O futuro apresenta sinais de esperança e interrogativos. Em todo caso, a Congregação acompanha os acontecimentos políticos para dar os passos em vista de uma presença consistente, logo que surjam as condições. Acolhem-se já com essas perspectivas os pedidos de candidatos que se sintam chamados a trabalhar lá.

Na Europa, devem-se apoiar algumas comunidades de recente fundação, como na Albânia, enquanto se caminha para estabelecer a obra na Romênia, com o envolvimento das Inspetorias de Veneza e da Áustria. Dom Bosco precedeu-nos e a difusão da sua biografia suscitou vocações locais, que já estão percorrendo as primeiras fases de formação.

Na América, olhamos para Cuba, onde tivemos nos últimos anos o sinal positivo do surgimento de vocações e onde

as necessidades do contexto cristão parecem imensas devido à escassez das forças. E, no novo clima de colaboração e solidariedade acenado no CG24 e reafirmado no Sínodo da América, projetamos algumas presenças entre os imigrantes hispânicos dos Estados Unidos.

Há, depois, os indígenas no interior das nações, aos quais demos atenção no passado e que continuamos a acompanhar. Hoje, somam-se a eles os numerosos grupos afro-americanos, pelos quais, seguindo as linhas das Igrejas da América, temos algum projeto no estaleiro.

Concluo a lista acenando ao doloroso problema dos refugiados, que são milhões, especialmente na África, entre os quais as conseqüências mais graves caem sobre as crianças e os jovens. Confiei ao Dicastério para as missões a elaboração de uma hipótese de ação, partindo do conhecimento do fenômeno em cada continente, para chegar a iniciativas significativas no fronte educativo e pastoral.

“A messe é grande”. Seguindo o exemplo de Dom Bosco e de seus sucessores, que apresentaram à Congregação novas empresas missionárias para suscitar generosidade, também eu faço um apelo aos irmãos que sentem o desejo e o chamado a colocar-se à disposição do Senhor. Dirijo-o a todos. A presença dos anciãos pode resultar providencial, pelo testemunho, oração e contribuição de sabedoria em comunidades missionários muito jovens. Pode ser igualmente precioso para as missões aquele tempo de vida que em muitas nações não é mais empenhado em obras educativas. Gostaria, contudo, que este apelo fosse ouvido particularmente pelos jovens.

A generosidade missionária foi uma das razões da boa saúde e da expansão da Congregação durante o primeiro século e meio de vida. Estou persuadido de que acontecerá o mesmo no futuro.

Gostaria de fazer duas acentuações particulares neste apelo. A primeira diz respeito às Inspetorias que hoje gozam de abundância de vocações. Por muito tempo foram as Inspetorias da Europa a fornecerem o maior número de missionários e, graças a elas a Congregação foi implantada

nos outros continentes. Constatou-se, no recente congresso europeu sobre as vocações, realizado em Roma, que a contribuição das Igrejas européias à missão “ad gentes” nos últimos vinte e cinco anos diminuiu em 80%, enquanto ainda continua por parte delas uma exemplar solidariedade econômica e de assistência variada. Ao mesmo tempo a contribuição de outros continentes vai-se fazendo consistente, como pude verificar na entrega do Crucifixo aos que partiam na 127ª expedição missionária.

João Paulo II, no final da Encíclica *Redemptoris Missio* afirma: «Vejo romper uma nova época missionária, que se tornará dia radioso e rico de frutos, se todos os cristãos e, em particular, os missionários e as jovens Igrejas responderem com generosidade e santidade aos apelos e aos desafios do nosso tempo»⁵⁰. Também nós devemos difundir mentalidade e entusiasmo nas Inspetorias de recente florescência e abrir aos jovens a possibilidade do mundo.

A reciprocidade missionária deve-nos tornar disponíveis a compartilhar reciprocamente meios, pessoal e ajudas espirituais.

A segunda acentuação diz respeito ao **envolvimento dos leigos** na missão “ad gentes”. No contexto do crescimento geral da consciência do laicato e da sua participação na comunhão e missão da Igreja foi aumentando a sua atenção à missão “ad gentes”. Difunde-se o desejo, crescem os pedidos, vai-se melhorando a preparação dos candidatos e procuram-se formas de tornar-lhes possível a participação com a peculiaridade de suas condições. Anunciar a boa nova é um dever-direito dos leigos, fundado na dignidade batismal. Assistimos a uma mobilização sem precedentes de voluntários empenhados em primeira linha na pastoral das igrejas e na promoção humana desenvolvida com sentido cristão.

O CG24 insistiu de muitas maneiras na possibilidade de empenho missionário dos leigos. É hora de ir além das realizações e proceder com formas amplas e organizadas de laicato missionário salesiano.

9. Juntos rumo ao ano 2000

Somos todos convocados à obra de consolidação e às novas empresas para a extensão do Reino. As “missões” fazem parte da única missão eclesial. As missões salesianas fazem parte da única missão salesiana. Realizam-se, sem solução de continuidade, em todos os lugares onde a Igreja deve anunciar o Evangelho ou a Congregação é chamada a oferecer o próprio carisma.

Entre aqueles que trabalham nas diversas missões dá-se uma profunda comunhão de bens e uma misteriosa solidariedade de esforços e resultados.

Compartilhemos o aspecto missionário da **espiritualidade salesiana**, desejando que a luz do Evangelho chegue a todos. Compartilhemos a práxis missionária para que a prioridade do anúncio, a abertura ao diálogo religioso, o movimento de inculturação, o esforço de consolidar a comunidade através da formação das pessoas sejam assumidos na medida exigida em cada situação. Compartilhemos a vida missionária, participando dos acontecimentos consoladores e tristes e procurando ver neles a vontade do Senhor, através da informação, da leitura evangélica dos acontecimentos. Mantenhamo-nos em comunhão com os missionários, sobretudo com a oração cotidiana e em datas ou circunstâncias marcadas pela nossa memória, pelas indicações da Igreja ou por eventos particulares.

Expressão da mesma participação é a **pastoral juvenil**, que faz viver intensamente a dimensão missionária da Igreja no caminho de fé. Há lugar para variados estímulos vindos do mundo das missões nos caminhos de amadurecimento humano, de aprofundamento da fé, de experiência eclesial e de orientação vocacional. Encontram-se no associacionismo juvenil, espaços para grupos de finalidade apostólica variada, que se inspiram no interesse pelas missões. Cultivam-se e florescem neles atitudes e hábitos cristãos, como a prontidão na doação, a estima pelas diversas culturas, a capacidade de ir além das aparências pessoais, o sentido comunitário do trabalho e da ação, o gosto pela comunicação, a mundialidade.

Expressão de participação é, ainda, a difusão da **sensibilidade missionária** ou o testemunho da nossa vida pobre, entre a gente cristã ou simplesmente de bom coração. Essa sensibilidade seja manifestada de acordo com os princípios e finalidades da evangelização, mais do que apenas com as técnicas da publicidade e da captação de consenso. A contribuição das Procuradorias missionárias, mundiais, interinspetoriais e inspetoriais, tornou possível o início e o crescimento de muitos projetos missionários e ainda continua a ser sinal do envolvimento de muitas pessoas na empresa missionária e do sentido concreto que nos caracterizou desde a primeira expedição.

Isso tudo deve ser vivido, é quase supérfluo dizê-lo, não com mentalidade puramente funcional, mas com o desejo de não descuidar de nada para que muitos tenham a felicidade de experimentar a salvação de Cristo.

A proximidade do ano 2000 convida-nos a dar uma nova prova da nossa capacidade de empreender juntos iniciativas missionárias de vasto respiro.

Ocorrerão então os 125 anos da primeira expedição missionária. Não se deixou passar, em nossa história, nenhuma das ocorrências importantes desse acontecimento sem marcá-las com celebrações particulares.

Coube ao P. Rua, no início do século, comemorar o 25º aniversário. Os Salesianos da América desejavam ardentemente a sua presença naquele continente e interpuseram importantes influências com essa finalidade, que, porém, não chegaram ao resultado desejado ardentemente⁵¹. As celebrações, entretanto, foram realizadas com a presença do Catequista geral, P. Paulo Albera, no contexto do Congresso internacional dos Cooperadores de Buenos Aires, o segundo após o de Bolonha⁵².

Mais lembrada é a comemoração do cinquentenário, em 1925, desejada pelo Beato Filipe Rinaldi, e que coincidia com um ano jubilar. O primeiro ponto de seu programa

⁵¹ Cf. CERIA E., *Annali*, vol. III, pág. 106

⁵² Cf. *ib.*, pág. 104-128

consistia em “uma grande função e uma grande expedição missionária”⁵³. A expedição foi de fato preparada. Compunha-se de 172 Salesianos e 52 Filhas de Maria Auxiliadora. Coube ao Card. Cagliero abençoá-la e entregar o crucifixo aos missionários que partiam.

O P. Pedro Ricaldone, no 75º aniversário, pediu uma contribuição extraordinária de pessoal às Inspetorias que tinham sido destinatárias dos primeiros esforços missionários e impulsionou a fundação de alguns aspirantados missionários fora da Europa.

Em 1975, há cem anos da data que nos é tão cara, o P. Luís Ricceri convidou a recordá-la com algumas iniciativas práticas das quais a segunda era uma expedição missionária digna do centenário. «Venho agora — dizia — fazer-vos não uma proposta, mas um fervoroso convite. A Congregação, agradecida ao Senhor por todo o bem que pôde fazer às almas nestes cem anos e consciente do muito que resta a fazer, confiante na Providência, que saberá recompensar o gesto de quem deixa a Inspetoria pelas missões, suscitando nelas novas e generosas vocações, propõe-se a realizar uma expedição digna do acontecimento»⁵⁴.

As dimensões da Congregação e a vitalidade das novas Inspetorias, o alargamento do mundo e as novas zonas de sementeira convidam-nos a colocar em prática a reciprocidade missionária.

Proponho-vos, em vista do ano 2000, formar um manípulo, com a contribuição mínima de um irmão por Inspetoria, para consolidar as obras iniciadas há pouco e avançar nos espaços que se vão abrindo. As Inspetorias favorecidas com muitas vocações poderão contribuir segundo a própria riqueza, começando desde agora a obra de sensibilização e motivação entre os jovens irmãos. Uniremos assim o apelo do Papa para uma nova evangelização com o agradecimento ao Senhor pelas quase 10.000 vocações missionárias enviadas à nossa Congregação.

⁵³ Ata do Conselho Superior, 17.6.1925

⁵⁴ *Lettere circolari di don Luigi Ricceri ai Salesiani*, Lettera 35, “Nel Centenario delle missioni salesiane”, Vol. 2, pág. 779

Conclusão

Concluindo esta reflexão, o meu pensamento volta-se a Maria Auxiliadora. Não foi por acaso que nossas expedições partiram da Basílica dedicada a Ela como centro de irradiação da fé e da Congregação. Mesmo que hoje, por causa da descentralização missionária, os pontos de partida sejam muitos, a entrega do Crucifixo diante de Maria Auxiliadora será sempre o gesto com que a Congregação Salesiana renova como tal o seu empenho missionário.

O quadro que a representa dá-nos uma síntese de espiritualidade missionária com referência ao Papa que está na origem da missão, à Encarnação do Filho, que é a primeira missão fonte de todas as outras, e à presença do Espírito enviado a animar a Igreja, enviada por sua vez a evangelizar o mundo.

Maria faz-nos pensar na palavra acolhida na Anunciação, no anúncio alegre levado na Visitação, na Palavra meditada no nascimento de Jesus e progressivamente feita vida na participação do ministério público, plenamente realizada na união à paixão, morte e ressurreição de Jesus.

Os territórios onde semeamos estão hoje quase todos marcados por um santuário de Maria Auxiliadora. As comunidades que se formaram aprenderam a invocá-la. As três comunidades cristãs com que celebramos a eucaristia na China pediram espontaneamente na despedida a bênção de Maria Auxiliadora. É uma prática e uma lembrança que tantos anos de isolamento não conseguiram cancelar e à qual a fé está apegada.

A Ela, que abriu e guiou a nossa história missionária, confiamos o nosso presente e os nossos projetos futuros.

A handwritten signature in dark ink, reading "Juan Turchi". The signature is stylized, with a large, sweeping loop at the beginning and a long, horizontal stroke extending to the right.

OS FUNDAMENTOS DA PRÁXIS MISSIONÁRIA SALESIANA

P. Luciano ODORICO

Conselheiro Geral para as Missões

Introdução

Desejo oferecer a todos os missionários da Congregação uma breve síntese da Práxis Missionária Salesiana, que inclui os principais critérios da nossa já centenária tradição missionária.

Estes conteúdos constituem a segunda parte de minha intervenção na recente celebração do 75º aniversário da chegada dos Salesianos ao Nordeste da Índia, Shillong.

1. O espaço específico das Missões Salesianas

Indicamos como “*Missões Salesianas*”:

- o trabalho missionário de primeira evangelização, de implantação da Igreja e da Congregação (*especialmente na África*);
- o trabalho missionário entre etnias minoritárias (*especialmente na América Latina*);
- o trabalho em vista da mentalidade missionária em territórios de antigas e grandes religiões (*Ásia e África*);
- o trabalho missionário de todos os irmãos que deixaram o próprio país;
- o trabalho missionário em novas urgências missionárias (*p. ex., o Leste Europeu e a Ásia*) e os novos areópagos (emigrados, refugiados, insatisfação juvenil...).

Fiel às suas origens, a Congregação Salesiana continua a garantir uma significativa presença missionária. A Ásia e a África já começaram a dar uma contribuição ativamente missionária com o envio de seus missionários.

2. Principais constantes do trabalho missionário salesiano

A experiência das mais de três gerações no trabalho da Congregação na missão “ad gentes” revela *as seguintes constantes*:

- O processo de “re-fundação” da Congregação: uma nova compreensão do carisma do Fundador a partir do contexto geográfico, cultural, social do território;
- A dimensão católica e missionária de toda a Congregação, no sentido da sua expansão geográfica e do envolvimento dos irmãos;
- O crescimento das Inspetorias em seu trabalho para as missões;
- A universalidade da pedagogia salesiana em ambientes também de pertença religiosa diversa: muçulmanos, leste asiático, presenças em minorias étnicas...
- A estratégia vocacional autóctone em vista do futuro da Congregação no lugar de trabalho;
- A originalidade dos itinerários de fé, especialmente dos itinerários de catecumenato;
- As missões como escola de radicalidade evangélica, santidade e alegria.

3. A práxis missionária salesiana

A práxis missionária salesiana articula-se em alguns setores complementares entre si. Citamo-los com suas referências constitucionais, capitulares e do Magistério eclesial.

3.1. A primeira evangelização junto aos povos ainda não evangelizados, como objeto especial da preocupação de Cristo Bom Pastor e da paixão apostólica de Dom Bosco.

«Com a ação missionária realizamos um trabalho de paciente evangelização e fundação da Igreja num grupo humano» (Const. 30).

A história das missões salesianas foi uma história de primeira evangelização na América Latina, Ásia e África. A fundação das igrejas ainda é representada por numerosos Vicariatos missionários e Dioceses missionárias confiadas aos salesianos.

A primeira evangelização encontra-se, porém, com obstáculos devidos à inundação de nacionalismos, do fenômeno das seitas, do sincretismo religioso, dos fundamentalismos de gêneros variados e de um mal entendido irenismo em contexto inter-religioso.

Notam-se outras dificuldades em nível de escassa formação dos catequistas e de programas inadequados de catecumenato.

3.2. Integração e a harmonia entre evangelização, educação e promoção humana

«O trabalho missionário mobiliza todos os compromissos educativos e pastorais próprios do nosso carisma» (Const. 30).

O nosso estilo missionário inspira-se no *carisma salesiano*. A clara preferência pelos jovens e a ligação dos três componentes são a via mestra que fazem com que os salesianos assumam os “valores desses povos, suas angústias e esperanças”. O *oratório* foi e é a nossa primeira aproximação missionária dos jovens.

Nota-se, às vezes, na práxis missionária um desequilíbrio nos serviços de intervenção pastoral: de um lado, um exagerado assistencialismo, uma administração muito complexa e, de outro, uma escassa atenção à evangelização explícita e à urgência da ação itinerante nos aldeamentos.

3.3. Vocações locais

«Fazei o que puderdes para ter vocações tanto para as Irmãs como para os Salesianos» (LDB, 448).

Os Salesianos vão às missões para aí ficar. O seu trabalho, embora respeitando as estações do Senhor da messe, caracteriza-se pelo imediato indigenismo da Congregação. Hoje, 2/3 dos noviços provêm do hemisfério sul, de jovens igrejas e de jovens Inspetorias. Há também um interesse maior pelas vocações, aberto aos diversos ramos da Família Salesiana.

Notou-se e nota-se ainda a *falta de uma adequada inculturação no discernimento vocacional* e de um *acompanhamento especial dos candidatos de minorias étnicas*.

3.4. Inculturação missionária

«As Inspetorias que têm territórios de missão preparem o pessoal para o diálogo com as culturas não evangelizadas, mesmo que pertençam a minorias étnicas» (Reg. 18).

O empenho pela inculturação ajuda a encarnar o Evangelho e o carisma salesiano em todos os lugares. Existem exemplos de missionários muito encarnados em sua práxis missionária e na pesquisa e produção científica.

Notam-se, sobretudo no Projeto África e nas novas fundações asiáticas, alguns *fenômenos de geografias monoculturais de missionários, com restrita visão de inculturação e de internacionalidade*.

Surge também *uma atitude, muitas vezes inconsciente, de serem portadores de uma cultura dominante e superior, com escasso interesse pelas línguas tribais*.

3.5. Ação missionária e diálogo ecumênico e inter-religioso

«A unidade fundamental de todos os seres humanos, os valores positivos e os elementos de graça presentes nas tradições religiosas, encorajam a Igreja a entrar em “diálogo e colaboração” com elas» (CG24, 183).

A maioria dos missionários salesianos aceitou a mudança doutrinal e pastoral do Vaticano II, a passagem da controvérsia ao diálogo de vida, ação, intercâmbio teológico e experiência religiosa (segundo o que está indicado em “*Diálogo e anúncio*”, n. 42).

A acentuação acrítica do diálogo ecumênico e inter-religioso e a preparação teológica superficial provocaram a difusão de um *falso irenismo e de uma falta de empenho na evangelização direta*. Pensou-se erroneamente que o diálogo excluísse o trabalho do primeiro anúncio (cf. CG24, 185-186).

3.6. Pedagogia e espiritualidade salesiana

«Caridade, paciência, doçura, jamais reprovações humilhantes, jamais castigos, fazer o bem a quem se possa, mal a ninguém», escrevia Dom Bosco ao Padre Cagliero (LDB, 447).

O estilo missionário salesiano é caracterizado em nível de pedagogia pela amabilidade, alegria, disponibilidade, criatividade, ousadia e trabalho além de qualquer limite. Em alguns casos, vários missionários salesianos enfrentaram com coragem até a prova do martírio.

Os missionários que não fizeram uma opção de longo termo, “ad vitam”, não demonstram uma profunda espiritualidade missionária. Alguns missionários reduzem-se, no campo pedagógico, ao papel de administrador de muitos compromissos e poucas obras. Existem também fenômenos sérios de cansaço e de contratestemunho missionário, de pequeno e calculado esforço de inculturação.

3.7. A presença de Maria

«Recomendai constantemente a devoção a Maria Auxiliadora e a Jesus Sacramentado» (Lembranças, 16).

Como em qualquer projeto salesiano, a presença de Maria no projeto missionário de Dom Bosco é sempre considerada um elemento essencial.

Isso é traduzido, na práxis missionária, com a difusão popular da devoção a Maria Auxiliadora, a publicação de opúsculos e imagens, a celebração adequada das principais festividades marianas e, finalmente, a construção de Santuários dedicados a Maria Auxiliadora.

Os primeiros missionários não concebiam o início de uma presença salesiana num novo país ou região sem a construção de um sinal visível, na maioria dos casos um santuário em honra de nossa Mãe. A práxis missionária estava para eles intimamente unida à presença e à ajuda da Auxiliadora.

3.8. Cooperação missionária e apoio econômico

«A Igreja missionária, daquilo que recebe, distribui aos pobres o que seus filhos mais dotados de bens materiais colocam generosamente à disposição» (RM 81).

A história das missões salesianas, desde os inícios foi também a história da generosidade de benfeitores e de Inspetorias mães.

Hoje, muitos programas de desenvolvimento, educação, especialmente profissional, e evangelização são possíveis graças ao apoio econômico, estruturalmente qualitativo e quantitativo, de diversas fontes como a Direção Geral, as Procuradorias missionárias, as Inspetorias mães, as iniciativas dos missionários.

Hoje, porém, a crise das vocações no Ocidente não garante mais uma *cooperação consistente em nível de pessoal* como no passado.

Além disso, nem sempre se têm presentes *as prioridades dos destinatários da Cooperação missionária*, como os catequistas, as vocações locais, os jovens e os pobres, os jovens trabalhadores, os doentes, os líderes multiplicadores de projetos.

3.9. Cooperação missionária e voluntariado leigo missionário

«Devem ser valorizadas, na atividade missionária, as várias expressões do laicato, respeitando a sua índole e finalidade: associações de laicato missionário, organizações cristãs de Voluntariado internacional, movimentos eclesiais, grupos e associações de vários gêneros... empenhados na missão “ad gentes” e na colaboração com as igrejas locais» (RM 72).

O voluntariado leigo missionário é uma realidade positiva e em constante crescimento nas missões salesianas, e está presente em todos os continentes. Ele exprime a dimensão laical da missionariedade que procuramos exprimir em estilo salesiano. Privilegia-se o voluntariado de longa duração.

Constata-se, às vezes, uma preparação inadequada dos candidatos, o escasso acompanhamento por parte dos respectivos responsáveis e a falta de suficientes fontes econômicas.

3.10. A atenção às novas fronteiras missionárias

Obediente ao mandato de Cristo (*Mc 16,15.20*) e fiel à centenária missão salesiana, a Congregação abre-se à urgência das novas fronteiras missionárias.

Faz parte também da tradição salesiana ir às novas presenças missionárias com outros ramos da Família Salesiana, especialmente com as Filhas de Maria Auxiliadora. Trabalhamos muitas vezes, nessas fronteiras, no mesmo território, compartilhando linhas comuns de projeto pastoral, embora com programas geridos autonomamente.

O aspecto de novidade e os novos desafios oferecidos por essa abertura suscitam na Congregação novas vocações missionárias e novos conteúdos de animação missionária.

3.11. A animação missionária

«É função de cada Inspetor com seu Conselho fixar as normas para a animação e coordenação da ação missionária» (Reg. 18).

Constata-se que cresceu em quase todas as Inspetorias a animação missionária, especialmente na raiz dos últimos projetos missionários.

Existe interesse e senso de reciprocidade missionária eclesial e congregacional. Já é também uma práxis adquirida as reuniões em nível nacional e continental dos Delegados Inspetoriais de Animação Missionária. *A figura e o papel, porém, do Delegado de Animação Missionária ainda não está claro em todas as Inspetorias.*

Conclusão

Concluindo esta intervenção sobre a práxis missionária salesiana, parece-me oportuno salientar que a aventura salesiana pelas missões “ad gentes” foi a principal causa da expansão da Congregação no mundo, e portanto da sua catolicidade.

A universalidade missionária salesiana, traduzida em inculturação carismática em 120 países do mundo, é chama-

da a dar um novo impulso missionário, capaz de tornar possível a reciprocidade missionária especialmente em vista de candidatos vindos de nações hoje ricas de vocações.

O ideal missionário tem sempre produzido ótimos resultados vocacionais.

Sirvam como conclusão estas palavras do biógrafo de Dom Bosco:

«... a multiplicação dos pedidos para entrar na Congregação... era justamente um dos efeitos produzidos pela expedição dos missionários. A Congregação desenvolveu-se, antes, lentamente na obscuridade: nada ou bem pouco se sabia dela fora do Piemonte. Agora, porém, antes, durante e depois da expedição, jornais italianos e do exterior falaram dos Salesianos e de Dom Bosco, de modo que a notícia da Pia Sociedade difundiu-se em todos os sentidos, chamando a atenção de muitos e atraindo sujeitos sempre mais numerosos» (*MB 11, 408*).

«A inserção dos **Salesianos** e das **Filhas de Maria Auxiliadora** no movimento missionário eclesial do século XIX foi uma iniciativa corajosa de grande importância histórica para o desenvolvimento das duas Congregações, porque introduzindo nelas, desde os inícios, uma maior participação na “catolicidade” espacial, de membros e de atividades da Igreja, acelerou o seu ritmo de crescimento numérico e operativo, e transformou-as em **Institutos de irradiação mundial**» (FAVALE A., *Il progetto missionario di Don Bosco*, Quaderni di Salesianum 3, pág. 42).

4.1 Crônica do Reitor-Mor

O período desde o final de setembro até os primeiros dias de dezembro foi rico para o Reitor-Mor em visitas, encontros, acontecimentos.

Em 28 de setembro vai em visita a **San Benigno Canavese**, onde os ex-alunos celebram a sua reunião anual e, também, o cinquentenário de abertura da oficina de eletromecânica.

À tarde do mesmo dia vai a **Turim**, Basílica de Maria Auxiliadora, para a entrega do crucifixo aos 33 missionários em partida: 20 Salesianos, 7 FMA e 6 Leigos, entre os quais um casal de esposos. É a **127ª expedição missionária**. Celebram com o Reitor-Mor o P. Luciano Odorico, Conselheiro Geral para as missões salesianas, o P. Giovanni Fedrigotti, Conselheiro para a Itália e o Oriente Médio, o Inspetor P. Luigi Testa, e outros oitenta sacerdotes. O Reitor-Mor congratula-se com os missionários(as) pela graça que Deus lhes concedeu e pela generosidade de estarem disponíveis à pregação do Evangelho: *«Bem-aventurados os pés daqueles que anunciam a paz...»*.

De 29 de setembro a 4 de outubro realiza-se em Roma o **congresso dos jovens religiosos**. O Reitor-Mor participa de várias reuniões do significativo acontecimento eclesial, que envolveu também numerosos salesianos.

Segunda-feira, 6 de outubro, o Reitor-Mor parte de Roma para uma viagem que tem como objetivo principal a visita às presenças salesianas no Camboja e na China. Faz uma escala em Bangcoc, onde encontra no aeroporto — além de vários salesianos — o Núncio Apostólico na Tailândia, Dom Luigi Bressan; em seguida, com o Regional P. Joaquin D'Souza, vai a **Phnom Penh**, onde é recebido pelo Inspetor P. Joseph Prathan Sridarunsil e outros salesianos que o acompanham à escola salesiana *Don Bosco Foundation of Cambodia*. Trata-se de uma escola profissional, com internato, que acolhe mais de 400 alunos e que surgiu nos últimos anos, bela e funcional, para jovens quase todos órfãos e de família pobre. O Reitor-Mor fala com os irmãos, visita as oficinas, encontra os alunos durante um espetáculo de cantos e danças, cumprimenta as auto-

ridades civis e religiosas convidadas para um coquetel em sua homenagem nos ambientes da escola. Durante a permanência na cidade visita também as obras das FMA.

Parte no dia 9 de outubro, com o Regional e o Inspetor e, depois de nova escala em Bangcoc, vai a **Hong Kong**, sede da Inspetoria da China. Visita várias obras salesianas da cidade, encontra os irmãos, a Família Salesiana, os cooperadores, os ex-alunos, os irmãos em formação, e participa de espetáculos juvenis preparados em sua homenagem. Falando particularmente aos membros do Conselho Inspetorial e aos diretores, sublinha alguns aspectos da vida e atividade salesiana: a comunidade, o contato com os jovens e o trabalhos com os leigos.

Sábado, 11 de outubro, o Reitor-Mor preside a Eucaristia em **Macau**, no Colégio Imaculada Conceição, primeira obra salesiana na região, encontra a Família Salesiana e os jovens. Acompanhado pelo Regional, pelo Inspetor e pelo diretor do Colégio Dom Bosco, visita o Governador Sr. Rocha Vieira, e o Bispo Dom Domingos Lam. Antes de deixar Macau, acompanhado por Salesianos, FMA, cooperadores, animadores, voluntários e jovens da escola, vai a uma pequena colina próxima à escola Dom Luís Versiglia para

benzer a primeira pedra de um edifício que surgirá num terreno, antigo refúgio de exilados vietnamitas, dado pelo governo de Macau e que deverá acolher perto de 150 outros jovens em dificuldade.

Terceira etapa da viagem à Inspetoria chinesa é **Taipé**, na ilha de Taiwan, à *St. John Bosco Parish*, no domingo 12 de outubro. O Reitor-Mor encontra os quatro noviços da Inspetoria chinesa, preside a Eucaristia dominical e, à tarde, saúda os irmãos das casas salesianas de Taiwan.

Retornando a Hong Kong, acompanhado pelo Inspetor, pelo Vigário Inspetorial, pelo P. Joaquin D'Souza, pelo Coad. Aloisius Tam e pela VDB Sofia Tho, o Reitor-Mor vai ao porto marítimo de Hong Kong, onde embarca para a **China continental**, para tomar contato com as atividades animadas de várias formas pelos salesianos.

Em **Ma Xhou** visita um leprosário; em **Sek Taan** vai à casa para filhos de leprosos e benze a área onde surgirá uma escola profissional; em **Guan Zhou**, encontra alguns irmãos e, no dia 14 de outubro, vai a **Shaoguan** (a antiga Shiu Chow), cidade que viu os inícios e o desenvolvimento da obra salesiana, sede de Dom Luís Versiglia, que, com o P. Calisto Caravario, padeceu o martírio há

cem quilômetros de distância, às margens do rio. Visita a cidade, as antigas sedes das obras dos Salesianos e das FMA e alguns vilarejos onde, pelo interesse da *Don Bosco Foundation*, estão surgindo escolas e capelas. Em Shaoguan tem a possibilidade de encontrar alguns funcionários do governo da cidade, entre os quais o vice prefeito, o vice secretário do partido e o encarregados dos assuntos religiosos.

Antes de deixar a cidade e retornar a Hong Kong vai, no dia 15 de outubro, à capela que se encontra na casa das Irmãs Anunciadoras do Senhor, Congregação fundada por Dom Versiglia. Celebra a Santa Missa, à qual assistem quarenta dos trezentos cristãos da cidade. A função termina com a bênção de Maria Auxiliadora.

À noite, despede-se dos irmãos de Hong Kong e retorna a Roma.

Domingo, 19 de outubro, o Reitor-Mor vai a **Pisa** para a conclusão das celebrações centenárias da presença salesiana naquela cidade. Durante a solene Eucaristia, com a presença de componentes da Família Salesiana e da comunidade paroquial, congratula-se com toda a comunidade e recorda que um centenário é fruto do empenho de todos, mas o fio condu-

tor que uniu os esforços e os fez confluir para um único resultado foi o espírito de Dom Bosco, em cujo centro está o amor pelos jovens mais necessitados.

Em 23 de outubro, o Reitor-Mor viaja novamente em direção a Joanesburgo, para a conclusão das celebrações do centenário da presença salesiana na África do Sul. Após uma escala em Joanesburgo, vai à **Cidade do Cabo** onde, no dia 24, é recebido pelo Inspetor P. Patrick Naughton, e pelo seu vigário P. Robert Gore, que o acompanham ao *Salesian Institute St. Beda* na Cidade do Cabo; é a primeira casa da África do Sul e compreende, atualmente, a paróquia, uma livraria e uma oficina tipográfica. Desenvolve-se, também, na obra um projeto em favor dos jovens de rua.

O Reitor-Mor encontra os Salesianos e as FMA da região e benze, recordando a sua ida à Cidade do Cabo, uma lápide colocada próxima a outra que lembra a colocação da primeira pedra do Instituto.

Sábado, 25 de outubro, visita as várias paróquias da cidade confiadas aos salesianos e, preside a Eucaristia na paróquia dedicada a Maria Auxiliadora em **Lansdowne**. Concelebram com ele o arcebispo da Cidade do Cabo Dom Henry Lawrence, e o seu auxiliar Dom

Reginald Cawcutt e muitos salesianos vindos das casas da África do Sul, Lesoto e Suazilândia.

Visita, no dia 26, a casa “Beato Miguel Rua” em **Rynfield**, sede do pós-noviciado, onde encontra-se com os jovens estudantes do centro.

Na segunda-feira, 27 de outubro, o Reitor-Mor vai à **Suazilândia**, onde visita a *Salesian House* de Manzini: uma ampla construção com escola elementar, ginásial e liceu para externos. Além do grande complexo escolar, os salesianos administram na cidade o *Study Centre*, um oratório, escolas profissionais e obras para jovens abandonados visitados também pelo Reitor-Mor. Encontra o bispo Dom Louis Ncamiso Ndlovu e, à noite, encontra-se com os irmãos.

No dia 28 o Reitor-Mor tem um significativo encontro com os sete noviços — dois de Moçambique e cinco de Angola — que foram para a ocasião do noviciado de Moçambique com o Mestre e o Delegado Inspetorial P. Valentín de Pablo. No mesmo dia, depois de ter celebrado a Eucaristia com os noviços, vai visitar a obra salesiana de **Malkerns**, que compreende paróquia, escola elementar, ginásial e liceu para externos e oito estações missionárias, cada uma confiada a um grupo de

leigos visitados periodicamente pelo sacerdote.

À noitinha parte para Joanesburgo e no dia seguinte, 29 de outubro, com o Inspetor e o Regional P. Antonio Rodríguez Tallón vai a **Maputsoe** no Lesoto. Aqui Salesianos e FMA trabalham numa grande obra, denominada *St. Luke's Salesian Mission*, que conta com escola primária, High School, Ha Chaka Primary School, St. Mary Mazzarello Craft Centre e paróquia. São mais de dois mil os jovens que freqüentam a obra. O Reitor-Mor preside a Santa Missa na capela da casa, da qual participam os Salesianos, as FMA e as duas voluntárias. À homilia apresenta a figura do Beato Miguel Rua, na ocorrência da sua memória.

Ainda no dia seguinte, 30 de outubro, na Eucaristia, de que participam os mais de 2000 alunos, Salesianos, FMA e professores, o Reitor-Mor fala do P. Rua, sublinhando a sua generosidade e amor a Dom Bosco e recorda aos jovens que o escutam que também eles têm a possibilidade de encontrar Dom Bosco: nos Salesianos e nas FMA.

À tarde vai a **Daleside**, onde os salesianos animam um Centro para jornadas de espiritualidade oferecidas a grupos de jovens e adulto.

No dia 31 o Reitor-Mor visita brevemente a escola Miguel

Rua, freqüentada por 460 rapazes e moças, quase todos negros, mas aberta também aos brancos.

Voltando a Joanesburgo visita o Bispo da cidade Dom Reginal J. Orsmond. Em seguida vai a **Bo**, onde está a casa inspetorial e depois à paróquia São João Bosco em **Robertsham**. Deixando a paróquia e atravessando a zona de Soweto (**Southern West Township**), vai à comunidade paroquial de **Ennerdale** e ao centro *Santa Maria* de **Finetown**, situado num ambiente muito pobre com muitas favelas. Tem, dessa forma, uma visão completa da realidade salesiana da Visitadoria da África Meridional.

Retornando a Roma, o Reitor-Mor vai no dia 5 de novembro à **Universidade Pontifícia Salesiana** para presidir a reunião do Senado Acadêmico; expõe algumas linhas indicativas do caminho para a formulação do Projeto operativo orgânico e anuncia uma visita acadêmica de caráter informativo a serviço do governo da Universidade (cf. *Documentos e notícias*, no presente número dos ACG, n. 5.3).

Sábado, 8 de novembro, o Reitor-Mor vai a **Legnano** (Verona) para a conclusão das celebrações do centenário da casa

e da presença dos salesianos no território do baixo veronês.

Recebe, na sala do conselho municipal a cidadania honorária e uma placa comemorativa e de reconhecimento ao Instituto São Davi. Presentes, além do prefeito Dr. Stefano Flangini com os conselheiros, os prefeitos das cidades vizinhas, o prefeito de Verona, ex-alunos, cooperadores e amigos.

À noite do mesmo dia, na concelebração no Duomo recorda a figura do P. Davide De Masari, sacerdote que pediu a Dom Bosco e depois a Dom Rua que os salesianos iniciassem em Legnano uma grande obra em favor dos jovens. A jornada foi concluída com um entretenimento musical no teatro paroquial de Porto, preparado pelos jovens da paróquia salesiana São Domingos Sávio de Verona intitulado "A luz no mundo".

Domingo, 9 de novembro, as celebrações centenárias foram concluídas com o encontro da Família Salesiana do Vêneto Oeste no auditório do Instituto e com a solene concelebração, muito participada, no santuário de Nossa Senhora da Saúde de Porto de Legnano.

O Reitor-Mor participa nos dias 16 de novembro a 12 de dezembro do **Sínodo dos Bispos para a América**. Durante esse período permanece na co-

munidade salesiana São Francisco de Sales do Vaticano, para dedicar-se totalmente ao importante compromisso.

Sábado, dando o boa-noite aos irmãos da Casa geral, expõe o desenvolvimento dos trabalhos, os temas desenvolvidos e as perspectivas surgidas.

O Reitor-Mor interrompe brevemente sua participação no Sínodo nos dias 5-8 de dezembro só para uma visita à **República Checa**, por ocasião da celebração dos setenta anos da presença salesiana nesse país.

Acompanhado pelo Conselheiro Regional P. Albert Van Hecke, o Reitor-Mor parte de Roma no dia 5, diretamente a Praga, onde é recebido pelo Inspetor e alguns Salesianos, que o acompanham a **Ostrava**, casa São José, onde os salesianos mantêm um Centro juvenil, oratório, igreja pública e outras paróquias da zona.

Em Ostrava, no dia 6, o Reitor-Mor benze solenemente a capela, restaurada depois que no período comunista fora transformada em salão esportivo. Após visitar os ambientes da casa e manter um encontro com um grupo de ex-alunos do oratório do tempo anterior aos anos do comunismo — que executam o *Iubilare Deo* em sua honra — dá-se na capela a solene celebração, com a presença do bis-

po de Ostrava Dom Francisco Lobkowicz, o bispo de Olomouc Dom João Graubner e muitos sacerdotes salesianos e do clero diocesano. Os jovens do oratório animam a celebração com o canto. À homilia, o Reitor-Mor agradece ao Inspetor pelas boas-vindas que lhe tinha dirigido, aos bispos pela sua presença e aos salesianos pelo trabalho que realizaram durante os setenta anos. Ao final da Missa, acompanhado pelo Inspetor e pelos bispos presentes, vai à prefeitura em visita ao prefeito da cidade Eng^a. Tosenovsky. Retornando à casa salesiana, participa da academia em sua homenagem; encontra e cumprimenta depois os ex-alunos, cooperadores e salesianos. Em seguida, acompanhado pelo P. Van Hecke, pelo Inspetor, pelo Vigário e por outros salesianos, parte para Brno.

Ao longo do trajeto detém-se em visita e oração no túmulo do primeiro salesiano da República Checa, P. Inácio Stuchly, sepultado em **Frystáki**. Visita a casa salesiana, a primeira aberta nesta nação. Foi antigamente um aspirantado e agora é um Centro juvenil.

Vai à noite à nossa paróquia de **Brno-Lizen**, situada na zona nova da cidade.

Aqui, na manhã do dia 7 de dezembro, depois de visitar uma antiga igreja dedicada a Ma-

ria Auxiliadora (considerada pelos salesianos do lugar como sinal premonitório da sua futura presença), o Reitor-Mor preside à Eucaristia para os jovens num salão da vizinha escola estatal; depois, no Centro juvenil, encontra-se com um grupo de jovens aos quais, após responder a várias de suas perguntas, deixa uma mensagem em três palavras: *Vida, fé e trabalho*, como empenho de formação pessoal e de crescimento intelectual.

À tarde, vai à igreja recém-construída, de **Brno-Zabovresky**, dedicada a Maria Auxiliadora. Aí, encontra os diretores, o Conselho Inspetorial e os membros da Família Salesiana.

Despedindo-se da assembléia, parte para **Praga-Kobylisy**, onde é recebido pelos clérigos estudantes do quarto ano de teologia. Estão também presentes os Inspetores da Áustria, Hungria, Alemanha, de uma das inspetorias da Polônia e o Superior da Visitadoria da UPS.

No dia 8, festa da Imaculada, o Reitor-Mor visita a editora salesiana PORTAL, em seguida a Faculdade JABOK com encaminhamento pedagógico, social e teológico, fundada em 1992 e orientada pelos salesianos. Encontra cerca de oitenta alunos (as) com vários professores e apresenta em grandes linhas a intuição pedagógica de Dom Bosco: o Sistema Preventivo.

À tarde, encontra no mesmo lugar os estudantes de filosofia e teologia e os pré-noviços de Ceské Budejovice. Desenvolve para eles alguns pontos da sua carta *Por vós estudo*.

Em seguida, na catedral, o Reitor-Mor participa da celebração presidida pelo Cardeal Vlk, com a presença do Núncio Apostólico e muitos salesianos. O Reitor-Mor, na homilia, depois de agradecer ao cardeal pelas suas palavras de saudação, comemora os setenta anos de presença salesiana na República Checa.

Terça-feira, 9 de dezembro, depois de celebrar a Santa Missa com a comunidade, parte para Roma, onde participa das últimas jornadas do Sínodo, que se conclui no dia 12, festa de Nossa Senhora de Guadalupe, com a solene celebração na Basílica de São Pedro.

Não faltam, porém, outros encontros e compromissos. Entre eles, recorda-se o encontro dia 15 com os irmãos das várias comunidades da UPS, que entretém com alguns temas de interesse da Congregação. Tem ainda a ocasião de encontrar e congratular-se com o novo bispo de Innsbruck, Dom Alois Kothgasser.

Celebra a Eucaristia, no dia 16 de dezembro, na Pontifícia Faculdade de Ciências da Edu-

cação “Auxilium”, e encontra a comunidade acadêmica, com a Madre Geral Ir. Antonia Colombo, oferecendo algumas reflexões sobre alguns argumentos tratados na carta circular *Por vós estudo*.

O resto do período é quase inteiramente dedicado aos trabalhos do Conselho. Não faltam, como todos os anos, encontros com algumas comunidades formadoras de Roma, com os Conselheiros, para a troca de augúrios.

4.2. Crônica dos Conselheiros Gerais

O Vigário do Reitor-Mor

Concluída a sessão plenária, o P. Luc Van Looy ocupou-se com a pregação de um curso de exercícios espirituais às noviças dos três noviciados das FMA da Itália, que depois emitiram as primeiras profissões nas próprias Inspetorias.

Em 8 de agosto presidiu a celebração das profissões de um grupo internacional de VDB, nos oitenta anos de sua fundação.

De 17 a 23 de agosto pregou os exercícios em Les Combes, Vale d'Aosta, aos irmãos da Inspetoria de Turim (ICP). Em seguida parte para a Bélgica para alguns dias com a família, transcorridos na casa de Landser, Inspetoria de Lyon (FLY). Preside em Roma às pro-

fissões perpétuas dos SDB no dia 7 de setembro e à primeira profissão no dia seguinte.

Participa em Roma, nos dias 12 a 20 de setembro da reunião intermédia do Conselho Geral.

Em 21 de setembro vai a Malta para três dias de seminário de estudo com os salesianos e colaboradores leigos. Tomou também contato nessa ocasião com outros grupos empenhados na missão salesiana na ilha e visitou as várias obras.

Prega nos dias 24-27 de setembro os exercícios espirituais aos irmãos da Congregação dos Discípulos, que vivem um carisma semelhante ao nosso e trabalham pelos jovens abandonados.

Em princípios de outubro deve dividir o seu tempo entre alguns encontros que se desenvolvem contemporaneamente: o congresso mundial dos jovens religiosos e religiosas, no hotel Ergife de Roma; o encontro das FMA, organizado pelo Auxilium, de interesse mundial, sobre o tema *Mulher e humanização da cultura às portas do terceiro milênio: o caminho da educação*; e a reunião mundial da “*Oração pela Paz*” em Pádua e Veneza, organizado pela Comunidade de Santo Egídio. Devido à coincidência dos três encontros só pode participar em parte de cada um deles.

Em Formia, preside no dia 20 de setembro uma jornada de

reflexão dos diretores da Inspeção Romana, sobre o tema da aplicação das disposições do CG24 em contexto inspetorial.

No dia 24 de outubro vai à comunidade "Santo Tomás" da UPS para o retiro mensal da comunidade e, no dia seguinte, anima o retiro da comunidade do noviciado FMA de Monte Mário (Roma).

Fala aos jovens do MJS do Piemonte, no dia 26, sobre a presença do jovem cristão no mundo atual. Pode perceber a força do MJS no Piemonte e a capacidade de reflexão dos jovens, assistidos pelas FMA e pelos SDB.

Participa no mesmo dia da reunião dos diretores de escolas salesianas na Itália para refletir com eles sobre o futuro da renovação da escola na Itália.

No dia 5 de novembro participa de um encontro de Bispos e religiosos da Bélgica para tratar da maior colaboração, especialmente em relação aos meios de comunicação e na atenção às zonas missionárias dos Grandes Lagos da África.

Preside de 8 a 10 de novembro ao décimo encontro das cinco Inspeções FMA/SDB de língua alemã (Alemanha e Áustria) sobre o tema da *Espiritualidade juvenil salesiana e pastoral vocacional*. O encontro foi seguido com muita atenção para confrontar-se com a pastoral vocacional da Igreja na Alemanha.

O trabalho constante destes dez anos fez crescer uma forte sensibilidade pela EJS nesses países.

Os dias 15-16 de novembro foram de reuniões em Roma com o Conselho executivo da União Mundial dos Educadores Católicos (UMEC). A reunião foi de organização das atividades em nível mundial e de preparação remota para a assembléia mundial de 1999 que se terá na Holanda.

O P. Van Looy encontra nos dias 17 e 18 os Conselhos Inspeccionais respectivamente das Inspeções Lombardo-Emiliana e Adriática para estudar a redefinição dos limites das duas Inspeções. Em seguida, no dia 1º de dezembro, encontra-se, sobre o mesmo assunto, com os diretores da Adriática e inicia a consulta dos irmãos, em Milão e Ancona, sobre o mesmo assunto.

Em 21 de novembro participa da solene celebração dos 50 anos da Escola gráfica São Zeno de Verona, com a presença de personalidades da Região Vêneta, da cidade de Verona e do mundo industrial e educativo.

À tarde do dia 22 participa com os irmãos da Casa Geral do tradicional passeio das castanhas.

Guia, nos dias 24 e 25, a reflexão dos diretores da Inspeção de Colônia (GEK) sobre a

aplicação do CG24 em contexto alemão.

Em Ariccia, Província de Roma, de 26 a 29 de novembro, participa do encontro semestral dos Superiores Gerais, em nome do Reitor-Mor impedido devido ao Sínodo da América. Tema do encontro era a revisão e os processos futuros depois do encontro mundial dos jovens religiosos(as). Através da escuta e do diálogo com os jovens religiosos e com os organizadores do congresso, pôde-se dar a devida atenção ao que se dissera no mesmo congresso e tirar suas conseqüências, especialmente para a formação dos jovens religiosos. Os Superiores Gerais apreciaram a contribuição dada pelos jovens salesianos na organização e para o sucesso do congresso.

Em 3 de dezembro, na Casa Geral, esteve na ceia fraterna com o Reitor-Mor e os nove Bispos salesianos que participavam do Sínodo da América.

Em 6 de dezembro, o P. Van Looy participa da celebração-congresso dos dez anos do escritório internacional da CI-GIOC e, no dia 8, preside a Eucaristia conclusiva do encontro sócio-político, organizado pelos Gex em nível nacional italiano, sobre o tema *Jovens e trabalho*.

A partir do dia 9 de dezembro o Vigário do Reitor-Mor participa da sessão plenária do Conselho Geral.

O Conselheiro para a Formação

Durante os meses de agosto-novembro de 1997 o Conselheiro trabalhou na animação e participou de alguns encontros interinspetoriais de delegados para a formação e formadores. Sua finalidade foi estimular e consolidar o relacionamento e a colaboração entre as inspetorias no campo da formação inicial e permanente, que é um dos compromissos da programação. Os encontros centralizaram-se nas orientações do CG24, na revisão da *Ratio* e em outros pontos relevantes do sexênio.

Os delegados inspetorias da zona Austrália e Ásia Leste encontraram-se em Manila (Filipinas) nos dias 26-28 de agosto. Foram colocadas no encontro as bases para um relacionamento interinspetorial sistemático e programado. A viagem permitiu ao P. Giuseppe Nicolussi tomar contato com as comunidades de formação das Filipinas e ir a Jacarta (Indonésia) para uma visita à florescente comunidade do pós-noviciado.

Reuniram-se nos dias 10-11 de outubro em Szczyrk, sul da Polônia, os delegados e alguns formadores das quatro Inspetorias da Polônia e da Circunscrição Leste. Decidiu-se, ao final, propor à Conferência dos Inspetores que designe uma comis-

são nacional para o relacionamento no campo formativo.

O Conselheiro participou nos dias 1º e 2 de novembro de um seminário sobre a formação organizado pela CISI (Conferência das Inspetorias Salesianas da Itália), do qual participaram 60 entre delegados, irmãos em formação e formadores da Itália e do Oriente Médio. Intervindo, o P. Nicolussi insistiu sobre a necessidade de uma coordenação mais robusta e continuada.

O Conselheiro para a Formação visitou nos dias 25 de setembro a 3 de outubro as comunidades de formação inicial das duas Inspetorias dos Estados Unidos, particularmente a de New Rochelle. Desejou-se verificar e relançar o projeto e o processo formativo, por ocasião da celebração do centenário da presença salesiana, atuando opções que correspondam melhor à nova situação vocacional, pastoral e cultural. Também aí, caminhou-se para uma colaboração interinspetorial mais sistemática.

O Conselheiro passou o dia 29 de setembro no Instituto de Estudos Salesianos de Berkeley (Califórnia), fundado em 1984. O Instituto, animado por uma equipe de Salesianos e FMA, oferece um programa anual de estudos salesianos num contexto formativo de fraterna convivência internacional. A sua

colocação numa área universitária única permite que os participantes do programa possam frequentar facilmente outros cursos de seu interesse nos diversos centros de estudos da zona. O programa anual oferecido pelo Instituto é frequentado sobretudo por irmãos das áreas de língua inglesa da Congregação. Desde 1990, o Instituto publica a revista *Journal of Salesian Studies*.

Refletiu-se, no âmbito do dicastério, sobre a organização da revisão da Ratio, desejada pelo CG24, e foram recolhidos de modo sistemático os dados relativos às saídas da Congregação nos últimos anos, como primeiro passo para uma reflexão sobre o “problema abandonos”.

A partir de 17 de novembro o Conselheiro dedicou-se por duas semanas à “visita académica” à UPS como delegado pelo Reitor-Mor. As finalidades, o contexto e as modalidades da Visita foram precisados pelo Reitor-Mor em sua comunicação ao Senado Acadêmico da UPS (5 de novembro de 1997).

O Conselheiro para a Pastoral Juvenil

O P. Antonio Doménech participou no final de julho do curso para os novos diretores da Espanha, desenvolvendo o tema do diretor como animador

de uma comunidade pastoral. Participa, em Paris, de 14 a 24 de agosto, como enviado do Conselho Pontifício para os Leigos, do *Forum internacional* dos Jovens e da Jornada Mundial da Juventude. No Forum participa, com 350 jovens representantes das Conferências episcopais do mundo e dos movimentos internacionais de jovens, de uma experiência de reflexão e comunicação sobre a presença e o compromisso dos jovens cristãos no mundo e na sociedade.

De 28 de agosto a 9 de setembro participa do encontro do Centro Nacional de Pastoral Juvenil da Índia, com os delegados inspetoriais e membros de suas equipes (*Don Bosco Youth Animation*), sobre o tema: *Salesianos e leigos, formando-se e crescendo juntos*. Durante o encontro apresenta aos participantes o programa do Dicastério e tem um diálogo com cada delegado e respectivas equipes para conhecer melhor a situação e os desafios das Inspetorias. Ao final das reuniões, o Conselheiro visita algumas presenças da zona de Goa e de Mumbai.

Ao mesmo tempo, o P. Raul Jojas, da equipe do Dicastério, participa da primeira reunião dos encarregados inspetoriais do setor escola e centros profissionais da região Interamericana; um primeiro encontro dá-se na Guatemala de 29 a 31 de agosto,

para as Inspetorias do México, América Central, Antilhas e Venezuela; um outro encontro acontece em Santafé de Bogotá, de 15 a 17 de setembro, para as Inspetorias da Colômbia, Equador, Peru e Bolívia. Estabelece-se nos dois encontros uma ação de coordenação para animar o processo de renovação da presença pastoral salesiana no ambiente escolar, segundo as linhas do encontro de Cumbayá de 1994.

O Dicastério participa nos primeiros dias de setembro do encontro sobre o Voluntariado, organizado pela SEPSUR em Santiago do Chile, para aprofundar a doutrina e a experiência até chegar a critérios comuns de animação.

Em seguida, de 12 a 20 de setembro, o Conselheiro participa da sessão intermédia do Conselho e, depois, parte para a Irlanda a fim de dedicar algumas semanas ao estudo do inglês. Nesse tempo, a equipe do Dicastério, já completa, dedica-se à revisão do Manual para os Delegados Inspetorias de PJ, que está sendo preparado, e ao desenvolvimento de programas de ação nos diversos setores.

De 27 de outubro a 1º de novembro, o Conselheiro anima um curso de Exercícios Espirituais para os Conselhos Inspetoriais e os Diretores das Inspetorias de Córdoba e Sevilha na Espanha.

O Conselheiro para a Família Salesiana e para a Comunicação Social

A *visita extraordinária à Inspetoria Lombardo-Emiliana*, iniciada no final de setembro, ocupou e continua a ocupar, até o mês de maio, todo o tempo disponível do Conselheiro para a Família Salesiana e a Comunicação Social, considerados os compromissos já assumidos, segundo a programação do Reitor-Mor e do Conselho Geral.

Entre agosto e setembro não deixaram de faltar as atividades dos dois dicastérios, que são apresentadas sistematicamente.

A. FAMÍLIA SALESIANA

O nível *internacional* conta os seguintes compromissos:

1. Encontro com os delegados inspetoriais ou assistentes dos vários grupos da Família Salesiana da Região Interamericana, em Bogotá, nos dias 16-18 de outubro de 1997. Os três dias de trabalho consideraram os seguintes aspectos:
 - A perspectiva do CONJUNTO da FS considerando os Grupos centrais: Cooperadores, Ex-alunos, Voluntárias de Dom Bosco;
 - A perspectiva da ESPIRITUALIDADE SALESIANA vivida pelos Grupos centrais: o Conjunto, Cooperadores,

Ex-alunos e Voluntárias de Dom Bosco;

- A organização da Família Salesiana inspetorial, em seu conjunto e em seus Grupos: Cooperadores, Ex-alunos e Voluntárias de Dom Bosco.
2. Encontro da Presidência Mundial da Confederação dos Ex-alunos(as) de Dom Bosco, em Santiago de Compostela, nos dias 4-7 de agosto de 1997. A reunião pensou, de maneira articulada e completa, na organização da assembléia mundial eletiva dos Ex-alunos, que se realizará em Roma — Pisana, de 1º a 5 de maio de 1998.
 3. Reunião de planificação do próximo Congresso Regional de língua inglesa para a Associação dos Cooperadores, em Dublin, nos dias 7-11 de agosto. Estudou-se, com a representação de alguns Países interessados e a presença do Consultor Mundial para a Região o desenvolvimento do próximo congresso de julho de 1998.
 4. Encontro JOVENS EX-ALUNOS, nos dias 6-8 de novembro em Caracas, e nos dias 11-13 de novembro em Buenos Aires, cumprindo a deliberação do Congresso de Assunção. A reunião teve como principal finalidade a organização do setor jovens das Federações inspetoriais.

5. Encontro com os Presidentes de Federações Nacionais da América Latina em São Paulo (14-16 de novembro) e da Europa em Bruxelas (12-14 de dezembro) para preparar, respectivamente, o *Congrelat* de Santiago do Chile em 1998 e o *Eurobosco* da França em 1999.

Em nível *nacional* o período foi muito intenso:

6. Congresso Nacional dos Cooperadores do Brasil, de 29 de julho a 1º de agosto, em Itajaí, Inspeção de Porto Alegre. A reunião ofereceu ocasião também para a eleição do Conselho Nacional dos Cooperadores.
7. Um encontro de dois dias com os diretores e diretoras das Inspetorias SDB e FMA no Peru, nos dias 22-28 de agosto de 1997, aprofundando a carta do Reitor-Mor sobre a FS e a Carta de Comunhão. Paralelamente houve alguns encontros com todos os diversos Grupos da FS. O encontro com cada Grupo e os encontros com o Conjunto da Família Salesiana ajudaram a elucidar uma série de interrogativos práticos. A participação foi numerosa e muito operativa.
8. Congresso Regional dos Cooperadores Salesianos da Região Interamericana Norte, em

Guadalajara (México), nos dias 2-8 de novembro. A perspectiva do novo milênio coloca à Associação alguns interrogativos, reais e sérios, para saber corresponder às exigências da nova evangelização.

9. Encontro Nacional dos Cooperadores da Espanha, nos dias 6-8 de dezembro de 1997, em Torremolinos (Málaga). Numerosos os presentes. A questão de fundo foi: «Como somos hoje? E como queremos ser amanhã?». A apresentação de várias experiências já realizadas ajudou a olhar o futuro com confiança.

Do conjunto dos encontros, parece que se possa ter a impressão de que a carta do Reitor-Mor para recordar os 25 anos da refundação da Família Salesiana, tenha suscitado interesse e atenção nas comunidades inspetoriais, no desejo de tornar operativas as indicações nela apresentadas. Um caminho que deve ser feito e apoiado para que possa dar seus frutos melhores nos próximos anos.

B. COMUNICAÇÃO SOCIAL

O primeiro compromisso a assinalar no setor da comunicação social é a *reorganização do dicastério*.

1. Reorganização, antes de tudo, do *pessoal* encarregado.

Chegaram os novos irmãos: P. Vito Orlando (responsável por ANS e diretor central para o *Boletim Salesiano* no mundo, com o encargo de atuar a renovação e o relançamento previsto pela programação do Reitor-Mor e do seu Conselho, P. Gian Carlo Manieri (diretor do *Boletim Salesiano*, edição italiana), P. José Luis Burguera (encarregado do setor empreendimentos de comunicação social). Foi também integrada à equipe a presença de Antonella Iadanza, ex-aluna das FMA e especializada em serviços jornalísticos e radiofônicos. P. Devadoss Sagayaraj continua no setor de animação e formação.

2. Reorganização, portanto, também do *setor de produção*, de ANS. Após a suspensão de alguns meses de ANSmag, devido a muitas razões, pudemos retomar, com a nova equipe, a publicação dos seguintes produtos ANS:

- *ANSmag* para as comunidades;
 - *ANSNews* para os conselheiros gerais;
 - *ANSAgenda* para os responsáveis da informação (delegados inspetoriais da comunicação social, diretores de *Boletim Salesiano*, responsáveis de programas radiofônicos na Congregação, etc.);
 - *ANSService* para Inspetores e Agências de informação interna e externa à Congregação;
 - *ANSFoto* que acompanha *ANSMag* para as comunidades.
3. Reorganização da *programação* do dicastério. Após a programação do Reitor-Mor e do seu Conselho, o dicastério tem em preparação quatro intervenções, significativas pelo empenho que exigem e pelo envolvimento das Inspetorias interessadas.
 - a) *Renovação e relançamento do Boletim Salesiano*. Já foi iniciado o trabalho de revisão dos dados atuais, em vista de um projeto de amplo respiro que ajude as Inspetorias e os diretores de *Boletim Salesiano* a adequarem as intervenções e os produtos às novas exigências da produção e difusão.
 - b) *Coordenação das páginas Web*. Estimulados também por grupos de irmãos encontrados nas diversas reuniões do último período, estamos preparando uma reflexão atenta sobre o tema Internet, para oferecer a quantos já estão presentes com páginas preparadas para Internet, uma visão mais clara de critérios e orientações práticas. Está no calendário uma reunião internacional.

- c) *Subsídio para a formação em comunicação social.* A exigência é vivamente percebida nas Inspetorias. O dicastério já tem pronto um subsídio que será revisto nos próximos meses e posto em circulação nas Inspetorias, como ajuda prática no campo da formação à comunicação.
- d) *Apoio aos que trabalham com rádio.* É um setor que oferece muitas possibilidades de presença e incidência. Temos muitas estruturas nesse campo. Coordenar o trabalho e oferecer subsídios poderá ser um alívio para os responsáveis.

O segundo empenho diz respeito ao contato com as Inspetorias. Atendendo às indicações da programação do Reitor-Mor e do seu Conselho, foram realizados no período os seguintes encontros com as respectivas Conferências de Inspetorias salesianas:

1. em Porto Alegre, com a Conferência do Brasil, nos dias 10-12 de agosto de 1997;
2. em Manila, com as Inspetorias da Ásia e Austrália, nos dias 22-24 de outubro de 1997;
3. em Lyon, com os Conselhos Inspetoriais da Bélgica Sul e França Norte e Sul, nos dias 14-16 de novembro de 1997;
4. em Madri, com a Conferência Ibérica, nos dias 2-4 de dezembro de 1997.

O encontro desenvolveu-se sempre ao redor de *três núcleos fundamentais*:

- a consciência da importância e influência da comunicação social na cultura contemporânea;
- um ponto estratégico para a vida das Inspetorias: a presença, a figura e o papel do delegado inspetorial de comunicação social;
- uma referência essencial para a presença significativa e pastoral: a inserção no projeto da Inspetoria e da comunidade a partir da perspectiva da comunicação social.

Entre as atividades do dicastério deve ser assinalado enfim, um encontro com os jovens irmãos da Inspetoria de Porto Alegre nos dias 27-30 de julho de 1997, para o estudo da comunicação no processo de formação pessoal e comunitária.

O Conselheiro para as Missões

O Conselheiro para as Missões, P. Luciano Odorico, logo após a conclusão da sessão de verão do Conselho Geral, partiu para a Venezuela (26 de julho — 7 de agosto) para pregar os exercícios espirituais aos irmãos da Inspetoria e visitar duas presenças de feição missionária: Carrasquero e San Félix. Apro-

veitou também a ocasião para informar-se sobre o andamento da Animação Missionária inspetorial.

De 9 a 12 de agosto, com a Conselheira Geral FMA para as Missões e pessoal dos Dicastérios, participou na ilha de Curaçao de um encontro, pré-seminário, sobre a pastoral afro-americana. Foi elaborado na reunião um esquema para o encontro americano sobre o tema “*Aproximação missionária da realidade afro-americana*” que se dará em Belo Horizonte (1-5 de abril de 1999). Alguns salesianos especialistas no assunto deram a própria contribuição para os conteúdos.

Após uma breve escala em Roma, o P. Odorico esteve (24 de agosto – 6 de setembro), no Camboja, China e Japão. Constatou no *Camboja* o incrível desenvolvimento da escola técnica Dom Bosco, realização plena do sonho de antigos refugiados Khmer dos tempos da guerra civil. Viu também que os processos de catecumenato caminham com constância. Em *Hong Kong* manteve um encontro com os jovens missionários recentemente enviados à Inspetoria chinesa e fez com eles uma avaliação da experiências dos últimos anos. O resultado foi substancialmente positivo. O encontro com o Inspetor e o Conselho Inspetorial serviu para sublinhar

as prioridades a serem seguidas no futuro próximo. Passando por *Seul (Coreia)*, foi à *China continental*, com o Inspetor, para visitar a escola técnica já em avançada fase de construção na cidade de Yanji (Jilin). Encontrou-se com a comunidade salesiana local e com autoridades civis e educativas da cidade. O projeto parece bem encaminhado, e a abertura é prevista para setembro de 1998. Enfim, na visita missionária ao *Japão*, o P. Odorico teve um encontro sobre a práxis missionária com todo o pessoal das paróquias e estações missionárias da zona de Tóquio, e um outro na zona missionária de Oita. A participação foi de ajuda recíproca, tanto pelos temas tratados como pelo diálogo proporcionado por eles. O Conselheiro propôs ao Inspetor do Japão confiar à Inspetoria o tema da Jornada Missionária Salesiana Mundial de 1999. O desejo é focalizar especialmente o tema da difícil evangelização no mundo japonês, além da apresentação do trabalho missionário nas ilhas *Salomão*.

Retornando a Roma, o P. Odorico presidiu, de 8 a 10 de setembro, o encontro geral dos Procuradores inspetoriais e inter-inspetoriais; pela primeira vez participaram também os vários diretores dos *projects office*. A assembléia foi caracteri-

zada por uma maior consciência da verdadeira cooperação missionária, da necessidade de desenvolver sempre mais novas Procuradorias em terras de missão e dar um acompanhamento tecnologicamente válido aos *projects office*.

Participou, de 10 a 18 de setembro, da sessão intermédia do Conselho Geral, durante os quais discutiu-se e foi aprovado o Manual do Delegado Inspetorial de Animação Missionária (DIAM). Em seguida, de 20 a 28 de setembro, acompanhou, com o pessoal do Dicastério, os missionários que partiam na 127ª Expedição. Eram 20 SDB, 6 FMA e 7 Voluntários leigos.

De 1º a 9 de outubro foi à Argentina para uma visita de conhecimento e de peregrinação às antigas missões do sul da *Patagônia*, que representam o início da aventura missionária salesiana. Constatou a plena realização dos sonhos-profecia de Dom Bosco, quer a respeito da expansão salesiana, quer sobre a realidade geográfica e histórica daquelas terras. Abençoou em Rio Grande, o novo museu missionário e etnológico, uma verdadeira e qualificada memória histórica do trabalho dos primeiros missionários. Retornando a Buenos Aires encontrou-se com alguns jovens candidatos à vida missionária das Inspetorias de Rosário, Córdoba e Bahía Blanca.

Após uma rápida parada em Lima, Peru, nos dias 10-11 de outubro, para encontrar-se com o Inspetor, fazer breve animação missionária aos formandos e conversar com possíveis candidatos às missões, o P. Odorico participou das reuniões dos Inspetores da Região Interamericana nos dias 12-14 de outubro em *São Francisco* (USA). Apresentou o Documento sobre a Animação Missionária e explicou a responsabilidade das Inspetorias da Região quanto aos próprios territórios missionários na África.

Parando brevemente em Roma, foi em visita missionária (18-29 de outubro) à Inspetoria de *Guwahati* (Índia), durante a qual participou do Seminário sobre os 75 anos da chegada dos salesianos a Shillong e visitou as novas presenças missionárias nos Estados de Tripura (contexto de primeira evangelização) e Mizoram (contexto de diálogo ecumênico). Apresentou, durante o seminário, o tema: *A prática missionária segundo a tradição carismática salesiana*. Num encontro com o Inspetor e o seu Conselho fez uma avaliação atualizada da situação atual do centro de cultura indígena e museu missionário que está sendo criado no nordeste da Índia.

Foi à Inspetoria de *Bangalore* (30 de outubro — 4 de novembro) com o objetivo de visi-

tar as novas presenças missionárias da Inspetoria, especialmente no Estado de Karnataka. Constatou o entusiasmo dos salesianos pela iniciativa dessas presenças de primeira evangelização. Manteve também encontros de Animação Missionária com os formandos das casas de formação inicial. Em seguida, de 5 a 8 de novembro, fez uma breve parada na Inspetoria de Nova Deli, visitando a presença missionária da paróquia de Nova Deli e a nova presença em Kauli no Estado de Punjab.

Convidado pelo Inspetor da *Eslovênia*, o P. Odorico visitou nos dias 14-18 de novembro, as missões da diáspora: Belgrado, Podgorica, Pristina, Muzlja. Pôde constatar nessas presenças a preocupação missionária pelas minorias católicas em ambientes de cultura e religiões ortodoxa e muçulmana. As minorias de cultura albanesa manifestam certamente proximidade à presença salesiana na Albânia. Essas presenças missionárias são tais sobretudo em seu contexto histórico e cultural religioso.

O Conselheiro esteve no *Paquistão*, nos dias 22-25 de novembro, para avaliar a já próxima partida dos primeiros Salesianos para aquela nação. Encontrou-se com o bispo de Hyderabad em Quetta, e com os missionários Oblatos de Maria Ima-

culada (OMI) para fazer os últimos acertos. O início está previsto para a segunda metade de 1998. Visitou também uma possível presença salesiana na Arquidiocese de Lahore.

De 27 de novembro a 4 de dezembro, o P. Odorico esteve na Inspetoria de *Dimapur* (Índia) para visitar pela segunda vez as presenças salesianas de primeira evangelização no Estado de Arunachal Pradesh. Pôde ver ali o progresso consolador das comunidades católicas, dos programas de catecumenato e das presenças educativas salesianas. Os missionários estão heroicamente dedicados à sua tarefa educativa pastoral. O Conselheiro esteve com o vigário e o ecônomo inspetoriais na presença salesiana de Harmutty, para um encontro de avaliação com os missionários que trabalham naquele Estado.

Enfim, nos dias 5-6 de dezembro foi a *Cebu*, Inspetoria das Filipinas Sul, onde se encontrou com o Inspetor e o seu Conselho. Comunicou-lhes em nome do Reitor-Mor que as presenças salesianas no Paquistão dependerão juridicamente da Inspetoria Filipinas Sul: a notícia foi acolhida com generosidade e alegria. Durante a sua permanência, o P. Odorico também benzeu a nova *Salesian Retreat House* e a primeira pedra do noviciado que será construído. Fez

escala em Manila, onde encontrou no dia 7 o Inspetor e o ecônomo inspetorial e conversou com dois jovens estudantes de teologia destinados ao Paquistão.

Pela manhã do dia 8, festa da Imaculada, retornou a Roma para participar das reuniões da sessão invernal do Conselho Geral.

O Ecônomo Geral

Depois da sessão plenária de verão do Conselho, o P. Giovanni Mazzali deu a própria contribuição durante o Curso dos novos diretores da CISI, entre-tendo-se com argumentos de competência do Dicastério. Esteve grande parte do mês de agosto na sede, embora participando da primeira profissão de um grupo de Filhas de Maria Auxiliadora em Contra di Missaglia, animando nos dias 24-30 um Acampamento Juvenil da comunidade de cooperadores do Piemonte, na casa salesiana de Oulx. Em seguida, nos dias 1-7 de setembro, dirigiu o Acampamento dos jovens do Oratório Dom Bosco de Sangano, Turim, na colônia salesiana de Col di Nava.

Retornando a Roma, depois de alguns dias de repouso, participou da sessão intermédia do Conselho Geral. Durante a segunda quinzena de setembro alternou a sua presença entre a

sede e as idas regulares a Turim para as reuniões do Comitê Executivo da SEI. Em Roma esteve particularmente empenhado em acompanhar as práticas para os pedidos de financiamentos em vista do Jubileu do ano 2000 e, ao mesmo tempo, outras práticas particularmente importantes relativas à "Fundação Gerini".

Participou no dia 11 de outubro da inauguração do novo centro esportivo Dom Bosco em Gênova-Sampierdarena e, no dia seguinte, participou no Instituto Salesiano de Cumiana, com salesianos, alunos e pais, da jornada de início oficial da atividade educativa e escolar.

O P. Mazzali esteve nos dias 16-17 de outubro em Los Angeles para participar do encontro da Região Interamericana, que teve como protagonistas particularmente os Inspetores e Ecônomos Inspetoriais. Foram jornadas muito intensas, mas de particular incidência, sobretudo quanto ao recíproco conhecimento e apreço entre os ecônomos inspetoriais da mesma Região. O Ecônomo Geral foi em seguida (18-22 de outubro) à Inspetoria dos Estados Unidos Leste, para uma breve visita a Boston e participar dos trabalhos do Conselho Inspetorial.

Participou no dia 1º de novembro dos trabalhos da Assembleia Nacional dos Cooperado-

res da Itália, apresentando uma relação sobre o tema da formação visto à luz do CG24. Alguns dias depois, o P. Mazzali encontrou um consistente grupo de ecônomos das Inspetorias CISI, reunidos em Rocca di Papa, entreando-os com o tema da identidade do ecônomo. Animou nos dias 8-9 um retiro de Filhas de Maria Auxiliadora na casa que têm em Marina di Pisa, e no dia 14 pregou o retiro dos estudantes de teologia do Instituto Gerini, conferindo a alguns deles o ministério do acolitado e leitorado. Particularmente interessante foi o encontro do dia 15 de novembro com o Grupo dos Ecônomos Gerais sobre o tema do rendiconto administrativo a ser apresentado ao Conselho Geral.

No dia de Santa Cecília, na casa Santa Rosa das FMA em Castelgandolfo, pregou o retiro aos sacerdotes e diáconos da comunidade Santo Tomás da UPS. Nos meses de outubro e novembro, também participou regularmente do Comitê Diretivo da SEI, do Conselho de Administração da mesma editora e do Diretivo Nacional da Associação AGIDAE.

O Conselheiro Regional para a África e Madagascar

O P. Antonio Rodríguez Talón viajou no dia 5 de agosto

para Cartum, Sudão, para iniciar a *visita extraordinária à Visitadoria da África Leste*, a partir desse país onde temos três comunidades, duas na capital e uma em Wau, cidade do Sul, onde é necessária uma licença especial para poder entrar, porque está praticamente isolada devido à guerra civil. Depois de visitar as duas comunidades na capital e vista a impossibilidade de obter a licença para ir a Wau, o Regional foi a Nairóbi e dali à Tanzânia, para continuar a visita nessa nação, onde existem dez comunidades salesianas.

Visitou depois as oito comunidades do Quênia: quatro em Nairóbi e as demais em diversas aldeias.

Fez por último a visita extraordinária às duas comunidades de Uganda.

A visita extraordinária à *África Leste* empenha o Regional até 17 de outubro, quando reúne o Conselho Inspetorial para comunicar suas impressões e oportunas orientações. Encerra a visita no dia 18 de outubro durante a Festa Inspetorial.

O Regional vai no dia 19 ao Malavi para fazer a primeira visita às duas comunidades salesianas de fundação recente: Lilongwe (paróquia, centro juvenil e futura escola profissional num bairro periférico da cidade) e Nkhotakota, onde temos

a responsabilidade pastoral de uma extensa área missionária: paróquia e mais de 50 estações secundárias.

Em 24 de outubro o P. Antonio Rodríguez vai à Cidade do Cabo para acompanhar o Reitor-Mor nas celebrações do centenário da presença salesiana naquela cidade, início da presença salesiana na África do Sul. Visita com o Reitor-Mor todas as presenças da Visitadoria tanto na África do Sul como na Suaalândia e no Lesoto.

Viaja no dia 2 de novembro para tomar conhecimento das presenças salesianas em Ruanda e Burundi. Fica nesses países até o dia 12. Visita também nesses dias os irmãos das duas comunidades de Goma (República Democrática do Congo). Em Ruanda os irmãos recomeçaram a maioria das atividades; existem no momento quatro comunidades ativas, com o projeto de abertura de uma quinta. No Burundi existem três comunidades, embora duas delas estejam apenas no início. Existem muitas esperanças quanto ao futuro, mas no momento continuam fatores de incertezas.

Em Nairóbi, no dia 15 de novembro, dá-se o encontro dos Inspectores e Delegados das circunscrições de língua inglesa; participam os Superiores das Visitadorias AFE e AFM, o Supe-

rior da Circunscrição Especial do Zâmbia (ZMB) e o Delegado para a Etiópia-Eritreia. Finalidade da reunião — encaminhar a preparação da “visita de conjunto” a esses países, prevista para fevereiro de 1999. Embora possa parecer distante, desejando-se contar com a participação das comunidades na preparação, devem-se prever espaços suficientes de tempo. Desenha-se durante o encontro o itinerário a seguir na preparação e distribuem-se incumbências e responsabilidades.

O Regional tem a oportunidade no dia 20 de novembro de conhecer o campo de refugiados de Karuma, norte do Quênia, perto da fronteira do Sudão; há vários anos um grupo de ex-alunos salesianos, apoiados por alguns SDB e FMA, têm a responsabilidade de dois centros de formação profissional onde os jovens refugiados, em sua maioria do Sudão, recebem uma formação profissional que lhe permite enfrentar o difícil futuro com maiores garantias de sucesso.

O Regional tinha, enfim, em seu programa, iniciar no dia 24 de novembro uma visita às comunidades do Egito (três) e da Tunísia (uma), mas teve de retornar a Nairóbi decidindo voltar para Roma para preparar a sessão de trabalho do Conselho e recuperar as forças perdidas.

O Conselheiro Geral para a América Latina — Cone Sul

O Regional, no período 1º de agosto a 19 de outubro, teve como principal compromisso fazer a *visita extraordinária* e a *consulta para a nomeação do novo Inspetor* na Inspetoria do Nordeste do Brasil.

Iniciou a visita encontrando-se com o Conselho Inspetorial e com os diretores. Reconheceram-se os grandes progressos feitos, mas também as dificuldades dos últimos anos e refletiu-se sobre o papel do diretor na animação da comunidade religiosa e no governo da obra.

Ao final da visita houve uma nova reunião com os diretores para avaliação e síntese conclusiva, e uma reunião com o Conselho Inspetorial para as decisões a serem tomadas. A visita concluiu-se com a festa inspetorial, que coincidiu com a ordenação episcopal de Dom Valério Breda, com a participação de quase todos os irmãos da Inspetoria.

Em Santiago do Chile, nos dias 8-10 de setembro, o Regional participou de um encontro com a presença de todos os Inspetores da CISUR, da Inspetoria das FMA do Chile, salesianos, leigos e voluntários, com o tema: Leigos e religiosos construindo um caminho. Depois da

apresentação da realidade de cada Inspetoria, estudaram-se durante o encontro os documentos da Igreja e da Congregação sobre o tema, e apresentou-se de maneira mais profunda e detalhada a experiência de voluntariado que se realiza na Inspetoria de Guadalajara.

Foi muito rica a troca de experiências, especialmente o testemunho de leigos que vivem a experiência do voluntariado. A partir daí, delineou-se o perfil do voluntário que a Região precisa e localizaram-se alguns espaços apropriados para o voluntariado na mesma Região (Chaco Paraguai, Manaus e Bahia).

O Regional presidiu de 11 a 13 de setembro a Conferência Inspetorial do Sul (CISUR). O P. José María Guerrero SJ, da equipe teológica da CLAR, fez uma exposição sobre as perspectivas futuras da vida religiosa na América Latina. Em seguida foram tratados os assuntos de interesse da Região e compartilhados os esforços para a aplicação do CG24. Há nesse campo uma grande variedade de iniciativas. O maior progresso com os leigos acontece nas estruturas escolásticas, mas a participação cresce também em outros setores. Existe por parte dos leigos grande interesse por todas as propostas que estão na linha da formação e da espiritualidade.

Fez-se a revisão do trabalho de conjunto na pastoral juvenil e dos encontros de formação inicial e permanente. Houve ainda a oportunidade de uma celebração no novo templo dedicado a Dom Bosco em Valparaíso, fazendo memória do sonho missionário de Dom Bosco *de Valparaíso a Pequim* e, agradecendo por ver realizado ao menos em parte esse sonho, pediu-se um renovado ardor missionário.

O P. Baruffi presidiu no dia 13 o encontro dos Inspetores da Argentina (JIAR), que se encontraram para fazer a revisão da caminhada do noviciado interinspetorial de Ramos Mejía e para tratar da composição do quadro dos formadores para o próximo ano de noviciado.

Nos dias 14-22 de setembro, o Regional visitou os Salesianos do sul do Chile, comunidades de Valdivia, Puerto Montt, Punta Arenas, Porvenir e Puerto Natales. Além do contato com os salesianos e das reuniões com as comunidades, foi também possível entreter-se com os jovens alunos. Apesar do número reduzido dos salesianos, alguns com idade avançada, notam-se comunidades abertas aos jovens com proximidade afetiva e efetiva.

O Regional promoveu nos dias 24 de setembro a 7 de outubro a consulta para a nomeação do novo Inspetor de Manaus,

organizando o discernimento em sete pontos diversos da Inspeção: Manaus, Belém, Porto Velho, Santa Isabel, São Gabriel da Cachoeira e Taramã. Foi também possível reunir os salesianos das missões para um dia de oração e discernimento.

Em seguida, nos dias 8-9 de outubro, em Porto Alegre, presidiu a Conferência das Inspetorias do Brasil (CISBRASIL). Além dos assuntos de interesse comum, como a renovação do Boletim Salesiano, curso e encontros de formação permanente, congressos a serem realizados, o tema que tomou mais tempo foi o *projeto de ação comum entre SDB e FMA*. Foi também encaminhada uma entidade jurídica, com secretaria executiva permanente com sede em Brasília, com a finalidade de acompanhar as mudanças e os projetos de leis no Congresso Nacional nos campos da educação, dos indígenas, das crianças e adolescentes.

Em seguida, ainda em Porto Alegre, de 10 a 12 de outubro participou do encontro sobre a Comunicação, da qual participaram os Inspetores, delegados inspetoriais e responsáveis da Comunicação. O encontro, orientado e animado pelo Conselheiro Geral para a Família Salesiana e a Comunicação Social com seus colaboradores, articulou-se ao redor de três

núcleos: conhecimento da realidade nacional, conhecimento da práxis salesiana, com particular referência à figura e ao papel do encarregado inspetorial da CS, e, enfim, elementos para a elaboração de um plano de Comunicação Social.

Concluindo o encontro foram tomadas as seguintes decisões: continuar a reestruturação do Boletim Salesiano, buscar uma maior convergência entre Formação e Comunicação Social, estudar a possibilidade de um grupo de reflexão sobre CS com especialistas das diversas Inspetorias, e rever os projetos educativo-pastorais na perspectiva da CS.

Nos dias 13-15 de outubro, enfim, o Regional participou da reunião da equipe interinspetorial de Formação, reunida na casa inspetorial de Recife. A finalidade era organizar os passos a dar em vista de uma caminhada conjunta entre FMA e SDB no Brasil. Foram traçadas também algumas estratégias para colaborar ativamente na revisão da *Ratio*.

Após a nomeação de Dom Valério Breda como Bispo da diocese de Penedo, estado de Alagoas, foi necessário promover a consulta para o novo Inspetor de Recife. Em vista disso, a maioria dos salesianos da Inspetoria reuniu-se na casa de retiros de Jaboatão para uma jornada

de oração e discernimento, sob a guia do Regional.

O P. Baruffi participou no domingo 19 de outubro, na quadra esportiva do Colégio Sagrado Coração de Recife, da solene consagração episcopal de Dom Valério Breda, até então Inspetor de Recife. O acontecimento movimentou toda a Inspetoria Salesiana do Nordeste e a Igreja da Região.

Em 26 de outubro participou da 54ª peregrinação salesiana ao Santuário de Nossa Senhora Auxiliadora de Jaboatão dos Guararapes, organizada pelos Cooperadores Salesianos, que tinha como tema: *Com Maria, nosso modelo de fé, na estrada de Jesus*. Era a conclusão de um trabalho de evangelização em todas as obras da Inspetoria. Estavam presentes mais de cinco mil pessoas entre jovens e adultos. A peregrinação coincidiu também com a conclusão da visita extraordinária à Inspetoria de Recife.

O Regional visitou nos dias 27 de outubro a 13 de novembro, as obras da Inspetoria de Campo Grande, especialmente as missões, e participou da reunião do Conselho Inspetorial, da equipe inspetorial de pastoral e do Conselho da Universidade Católica. Visitando as várias casas, teve a possibilidade de conversar com os salesianos e as FMA de cada comunidade, e ani-

mar o retiro mensal para os missionários.

Retornava a Roma no dia 28 de novembro.

O Conselheiro para a Região Interamericana

Terminada a sessão plenária do Conselho Geral, o P. Pascual Chávez foi ao Canadá (25-29 de julho) em visita às comunidades salesianas de Edmonton, que são as presenças mais ao norte de toda a Região Interamericana. Ali os salesianos animam quatro paróquias, duas especificamente para grupos étnicos (uma chinesa e outra húngara) e duas territoriais, multi-étnicas e multiculturais. É admirável a vitalidade dos irmãos, que trabalham na construção de espaços mais adequados para as atividades paroquiais e que já deram um passo para reunir-se numa única comunidade na “Vila São José”, onde a Inspeção adquiriu quatro apartamentos correspondentes às necessidades desses irmãos.

Retornando a Toronto, encontrou-se com os irmãos da Visitadoria do Canadá, na paróquia de São Bento.

Foi a Detroit (USA) no dia 30 de julho, onde encontrou-se com o Inspetor dos Estados Unidos Leste, P. Patrick Angelucci. Juntos visitaram o Card. Adam Maida, por orientação do Rei-

tor-Mor, que recebera o pedido de uma nova presença em favor dos imigrantes hispânicos, cujo número duplicou-se nos últimos dois anos. Juntamente com o projeto de uma obra em Chicago, Detroit apresenta-se como uma nova realidade de desafio e outro campo para a missão salesiana nos Estados Unidos.

O Regional fez nos dias 31 de julho a 3 de agosto a consulta em Haiti para a nomeação do novo Superior da Visitadoria. Após encontrar-se com o Conselho, quando esclareceu as modalidades da consulta e o programa da visita, o superior P. Jacques Mésidor apresentou a sua visão pessoal da situação atual da Visitadoria. Houve, no dia seguinte, uma reunião com a presença de quase todos os irmãos da Visitadoria e foi apresentada a consulta durante a celebração. Em seguida, o P. Chávez visitou Cap-Haitien, sede do novo noviciado. Retornando a Porto Príncipe encontrou-se com Dom Luis Kebrau, SDB.

Após alguns dias de repouso em família, o Regional foi a Guadalajara para as profissões, que recebeu em lugar do Inspetor P. Salvador Flores, que se restabelecia satisfatoriamente e quase por completo de um acidente automobilístico.

O Regional, enfim, de 22 de agosto a 21 de novembro realizou a *visita extraordinária à Ins-*

petoria do México, inclusive nas missões da Prelazia dos Mixes, com duas interrupções: uma de 18 a 21 de setembro, em Bogotá, para participar de um encontro sobre a escola salesiana, organizado pelas Inspetorias FMA na ocasião do centenário de sua presença na Colômbia; e a outra, de 12 a 19 de outubro, em São Francisco e Los Angeles, para coordenar a reunião dos Inspetores e ecônomos inspetoriais da Região, reunião que teve a participação também do P. Luciano Odorico, Conselheiro para as Missões, e do Ecônomo Geral P. Giovanni Mazali.

Concluída a visita extraordinária à Inspetoria do México (MEM), o Regional manteve vários encontros: com o Conselho Inspetorial de Guadalajara, com o Nuncio Apostólico no México, com o diretor da Central Catequética de Madri. Finalmente, no dia 1º de dezembro retornava à Casa Geral para o período invernal de sessão plenária.

O Conselheiro para a Região Austrália — Ásia

Partindo de Roma no final da sessão do Conselho, e feita uma breve visita ao centro nacional de formação permanente *Don Bosco Yuva Prachodini* de Bangalore, o P. Joaquín D'Souza presidiu o encontro anual da

Conferência Inspetorial da Índia (SPCI) em Yellagiri Hills, próximo a Chennai. A Conferência, entre outras coisas, aprovou a *Vision Statement* e os seus novos Estatutos, dois documentos elaborados depois de ampla consulta em todas as Inspetorias. A *Vision Statement*, que é apresentada no cinquentenário da independência da Nação, quer ser uma declaração pública e oficial da identidade e da missão dos salesianos na Índia e um instrumento de animação para os próprios salesianos e seus colaboradores. O Regional concluiu a sua visita a Chennai encontrando a nova equipe nacional de Pastoral Juvenil, para programar o seu serviço de animação das Inspetorias.

Foi, em seguida, a Manila para começar no dia 15 de agosto, Solenidade da Assunção, a *visita extraordinária à Inspetoria das Filipinas Norte* (FIN). A visita às casas empenhou o Visitador durante todo o tempo até 26 de setembro, quando foi a Cebu para promover a consulta em vista da nomeação do Inspetor das Filipinas Sul (FIS).

O Regional foi à Bangcoc (Tailândia) no dia 1º de outubro para esperar o Reitor-Mor em sua primeira visita — como Reitor-Mor — ao Oriente. Acompanhou-o a Phnom Penh (Camboja), Hong Kong, Macau, Taiwan e China continental.

Concluída a visita do Reitor-Mor, o P. D'Souza retornou a Bangcoc no dia 15 de outubro para animar outra consulta em vista da nomeação do Inspetor da Tailândia.

De Bangcoc prosseguiu para Manila para participar do encontro-seminário sobre a Comunicação Social para a zona Ásia Leste e Austrália, realizado em Batualo nos dias 22-24 de outubro sob a orientação do P. Antonio Martinelli.

Em seguida, o Regional foi a Nova Deli, à nova casa adquirida pela Conferência Inspetorial da Índia, *SPCI House*, que será a sede da mesma conferência e é destinada a ser centro de referência e relacionamento entre as Inspetorias da Índia, centro de documentação salesiana, centro de animação de pastoral juvenil e de difusão das notícias salesianas em nível nacional.

De Nova Deli, o Regional foi a Mumbai e logo depois a Hyderabad, onde iniciou a terceira consulta para a nomeação do Inspetor (1-9 de novembro). Retornando a Mumbai visitou o pós-noviciado de Nashik. Aí recebeu a notícia da morte de Dom Abraham Alangimattahil, que foi bispo de Kohima no estado de Nagaland, nordeste da Índia. Interrompendo sua visita o Regional foi a Kohima chegando em tempo para as exéquias do ilustre prelado. De Kohima

foi novamente a Hyderabad para participar — como representante do Reitor-Mor — da solene inauguração do novo pós-noviciado de Warangal no dia 24 de novembro.

Concluída assim a sua terceira visita à Região Austrália-Ásia, o Regional retornou à sede romana no dia 27 de setembro.

O Conselheiro para a Região Europa Oeste

Concluída a sessão plenária do Conselho Geral, o Regional para a Europa Oeste parte no dia 26 de julho para León (Espanha) a fim de participar das “Jornadas para os novos diretores”, organizadas para o território da Conferência Ibérica (26 de julho a 2 de agosto).

Em 3 de agosto vai a Turim, onde participa do *Campobosco* celebrado pelos jovens de Portugal e Espanha.

Em 6 de agosto está em Santiago de Compostela e aí acompanha, em seus últimos dias de reflexão, a Junta da Confederação dos Ex-alunos de Dom Bosco, reunida em Assembléia.

Após alguns dias passados em família na cidade natal, o P. Filiberto Rodríguez vai ao México no dia 18 de agosto para realizar a *visita extraordinária à Inspetoria de Guadalajara*. Dedicando todo o seu tempo nessa tarefa até o dia 8 de novembro,

quando retorna a Madri. Como fato vocacional importante, durante a visita, deve-se assinalar a celebração da Profissão Perpétua de 7 irmãos, realizada no dia 7 de setembro em Irapuato.

Retornando à Europa, passa os dias 12-13 de novembro em Lyon (França) para a reunião que fazem anualmente as comissões de formação das três inspetorias de Paris, Lyon e Bélgica Sul. Segue-se a essas jornadas — nos dias 14-16 de setembro — o encontro, ainda em Lyon, sobre o tema da Comunicação Social, presidido pelo Conselheiro Geral P. Antonio Martinelli; dele participam os Conselheiros Inspetoriais das três inspetorias de língua francesa, dois representantes do Dicastério da Comunicação Social e os encarregados inspetoriais do setor.

Em 17 de novembro vai ao Marrocos. Começa a partir da comunidade salesiana daquele País a *visita extraordinária* que fará, em nome do Reitor-Mor, às Inspetorias de Paris e Lyon a partir de janeiro de 1998.

Concluída a visita aos sete irmãos que trabalham em Casablanca, Kenitra e Rabat, o Regional retorna a Madri e, a partir daí, vai em breves visitas: a Burgos pós-noviciado das Inspetorias de Portugal, Bilbao, León e Madri; a Sanlúcar la Mayor, atual noviciado para toda a Espanha; a Campello, onde

está sendo concluído o curso de formação permanente para os salesianos da Espanha e Portugal e vários irmãos de inspetorias da América Latina.

O Regional participa em 1º de dezembro da reunião conjunta das Inspetoras e Inspectores da Espanha e Portugal. Aproveita-se nessa reunião o documento, com redação renovada, "*A proposta Educativa da Escola Salesiana*" e reflete-se amplamente sobre a escola como plataforma para apresentação e proposta da espiritualidade juvenil salesiana.

Realizam-se nos dias 2 a 4 de dezembro no mesmo lugar (Madri, El Plantío) as "Jornadas de Comunicação Social", que contam com a participação dos membros da Conferência Ibérica e são presididas pelo Conselheiro Geral para a Família Salesiana e a Comunicação Social P. Antonio Martinelli. Participam também outros membros do Dicastério, o delegado nacional e os encarregados inspetoriais da comunicação social.

O dia 5 de dezembro é dedicado ao recebimento de informações das diversas Delegações Nacionais e ao despacho de alguns assuntos relativos à Conferência Ibérica. O clima rígido daqueles dias na Espanha impede ao Regional de participar nas Jornadas que a Confederação dos Centros Juvenis e Ora-

tórios tinha organizado em Valência (Godelleta).

No dia 9 de dezembro retorna a Roma para participar da sessão plenária do Conselho Geral.

O Conselheiro para a Região Europa Norte

Terminada a sessão de verão do Conselho Geral, o P. Albert Van Hecke, Conselheiro para a Região Europa Norte, vai à Bélgica para passar alguns dias em família.

Retorna a Roma no dia 3 de agosto para ir no dia 13 em breve visita de dois dias à Áustria, onde intervém no encontro juvenil anual "Eurotreff" com uma conferência sobre o tema: *Com Jesus Cristo nas estradas do mundo*. Participam do encontro 120 jovens das 8 inspetorias da Região.

Em seguida, do dia 16 de agosto a 6 de setembro esteve em Varsóvia, na casa da Procuradoria Missionária, para frequentar um curso de língua polonesa. Em Kipiec, no dia 22 de agosto, noviciado das Inspetorias de Wroclaw e Cracóvia, preside a função da vestidura e primeira profissão dos 18 noviços. Durante o período de permanência na Polônia, assiste em 25 de agosto ao encerramento do festival anual juvenil "Campo Bosco" em Lutomiersk. Par-

ticiparam do festival mais de 1200 jovens da Inspetoria de Varsóvia.

Após passar uma semana em Roma, parte para Moscou, onde começou no dia 14 de setembro a *visita extraordinária da Circunscrição Especial Europa Leste*. Tomou consciência das diversidades históricas, culturais e religiosas da zona. Sobretudo, porém, percebeu o trabalho missionário dos irmãos, das condições difíceis e muitas vezes inseguras em que vivem e trabalham, dos desafios na educação dos jovens e na inculturação do carisma salesiano e das oportunidades que são oferecidas para o futuro da missão salesiana.

Concluindo a visita extraordinária, o P. Albert Van Hecke foi no dia 25 de outubro a Lad, estudantado da Inspetoria de Pila, onde presidiu nos dias 27-28 de outubro a Conferência e a Consulta das Inspetorias polonesas. Foi feita uma revisão do Boletim Salesiano em língua polonesa e, entre os vários outros temas, tratou-se particularmente da formação e preparação do centenário da chegada dos salesianos à Polônia. O Regional aproveitou a sua presença naquele País para também visitar algumas obras da Inspetoria de Varsóvia.

Em seguida, por duas semanas, 1º a 15 de novembro,

esteve na sede de Roma para dedicar-se às consultas para a nomeação de três novos Inspectores na Região: Grã-Bretanha, Polônia-Pila e Polônia-Wroclaw.

Esteve em Augsburg, Alemanha, nos dias 16-17 de novembro para participar do encontro dos diretores da Inspeção GEM com uma intervenção sobre o tema da CEP.

Depois, de 21 a 24 de novembro, o Regional foi à Eslovênia para participar da festa dos 75 anos da Inspetoria dos Santos Cirilo e Metódio, e inaugurar o centenário dos salesianos naquele País. Teve a oportunidade de benzer a nova quadra esportiva em Zelimlje, encontrou os Conselhos Inspetoriais das inspetorias da Eslovênia e Croácia, e os diretores da Croácia, falando da programação do Conselho Geral.

Enfim, acompanhando o Reitor-Mor, foi à Inspetoria da República Checa para celebrar os 70 anos da Inspetoria São João Bosco. Pôde constatar, nos momentos celebrativos e nos vários acontecimentos, a grande energia e confiança de tantos irmãos, que trabalharam durante o regime comunista e que hoje procuram traduzir o carisma salesiano como proposta evangélica e pedagógica para os jovens daquela terra.

Em 9 de dezembro retorna-va a Roma.

O Conselheiro Regional para a Itália e Oriente Médio

O Conselheiro Geral para a Itália e Oriente Médio, entre o final de julho e os primeiros dias de agosto, prega, em Palermo, um curso de Exercícios Espirituais aos *Missionários Servos dos Pobres*, fundados pelo Beato Giacomo Cusmano († 1888), definido em seu tempo como o Dom Bosco de Palermo. Em 5 de agosto, na Casa Geral das FMA, participa da celebração dos 25 anos de Profissão e da renovação da Profissão religiosa. Em Aquila, nos dias 8-9, encontra os jovens irmãos do quinquênio, desenvolvendo uma conversação sobre os temas: “*Jovens salesianos: um caminho de fidelidade serena e projetada*” e “*CG24: uma espiritualidade para jovens salesianos*”.

Após alguns dias em família dirige, nos dias 24-30 de agosto, os Exercícios Espirituais à Inspetoria de Verona, em Santa Fosca di Cadore. Com os animadores da Inspetoria de Veneza, em Auronzo di Cadore, nos dias 30-31 de agosto, introduz a proposta pastoral nacional: “*O Espírito de Jesus ajuda-nos a viver a experiência de Igreja*”.

No dia 5 de setembro, em Milão – Santo Ambrósio, encontro 600 professores das escolas salesianas da Inspetoria Lombardo-Emiliana para ilustrar o te-

ma: *“Projeto cultural da escola católica salesiana. Síntese entre fé e vida”*. De 14 a 20 de setembro participa da sessão intermédia do Conselho Geral, que aprofunda algumas temáticas relativas à área da CISI. Entre elas: recolocação e significatividade, mobilidade do pessoal CISI em sentido solidário; colaboração para os serviços gerais da Congregação, exame da hipótese CISI de reestruturação das Inspetorias.

Em 22 de setembro, o Regional encontra os salesianos presidentes ou delegados das associações CNOS. Em 23-24 está em Bolonha, para as jornadas que o Congresso Eucarístico dedica aos jovens e à vida consagrada.

Em Carisolo, no dia 25, encontra os irmãos do estudantado filosófico salesiano de Nave (Brescia). Em 27, no *Rainerum* de Bolzano, participa da festa dos ex-alunos e desenvolve uma reflexão sobre *“Adultos e jovens em vista do terceiro milênio”*. Depois, nos dias 28-30 de setembro, participa do Harambee, da consulta missionária, e faz uma visita aos noviços de Pinerolo e aos irmãos do estudantado teológico da Crocetta.

Entre os dias 1º e 30 de outubro realiza a *visita extraordinária à Visitadoria da Sardenha*. Em Roma, no dia 7, participa do *Conselho Nacional da escola católica*.

O P. Fedrigotti participa, nos dias 1-2 de novembro, na Pisana, do seminário nacional sobre problemas formativos. Preside a Presidência da CISI nos dias 7-9 de novembro, na qual o Reitor-Mor entrega a carta que surgiu dos trabalhos da sessão intermédia do Conselho Geral (14-20 de setembro): *“Indicações do Reitor-Mor após as reflexões do Conselho Geral sobre as temáticas relativas à Região”*. A Presidência continua a sua reflexão, que compreende: confronto com os delegados salesianos de CGS, PGS, SCS, TGS; análise do programa formativo do setor economia; proposta de modalidades e conteúdos da assembleia de maio de 1998 sobre o tema *“Vida consagrada e amadurecimento afetivo na formação inicial”* e sobre o encontro CISI/CII de janeiro de 1998; aprovação do *“Subsídio de acompanhamento dos trabalhos dos Capítulos Inspetoriais”* sobre a colaboração com os leigos.

Nos dias 12 de novembro a 6 de dezembro dá início à *visita extraordinária à Inspetoria da Irlanda*, a partir da Delegação de Malta, que representa uma encarnação original e viva do espírito de Dom Bosco, que está para completar os cem anos de presença, na cristã e gloriosa ilha mediterrânea.

5.1. Intervenção do Reitor-Mor no Sínodo

Apresenta-se a tradução da intervenção, feita em espanhol pelo Reitor-Mor P. Juan E. Vecchi, na assembléia do Sínodo dos Bispos para a América, no dia 22 de novembro.

Refiro-me aos números 20 e 37, nos quais se acena brevemente aos jovens. São eles a porção majoritária da população, em quase todos os países da América, e constituem uma riqueza humana presente e um potencial de futuro. Embora não se apresentem e ajam como grupo compacto, nem possam ser englobados numa única situação social e religiosa, todos possuem algumas características: gosto pela vida, tensão ao crescimento, busca de uma felicidade possível. Com o prolongamento dos estudos, a idade juvenil vai dilatando-se para um número sempre maior deles, tornando-os uma importante componente da dinâmica social e eclesial.

Grande parte dos jovens sofre de graves formas de pobreza e está prematuramente exposta às suas conseqüências, entre as quais se deve colocar tam-

bém a falta de oportunidade de educação, a pobreza cultural, a falta de ideais e projetos de vida, as carências afetivas e de apoio familiar, a ignorância religiosa, as várias dependências.

Alguns fatos fundamentais para a evangelização dão-se na idade juvenil, entre os 16-25 anos: a fé personaliza-se ou é abandonada; elabora-se a primeira síntese cultural ou visão da vida, ainda incompleta mas com muitos elementos definitivos; selecionam-se os módulos fundamentais do próprio código ético; amadurecem-se as preferências sócio-políticas e acontece a opção vocacional.

Tudo isso acontece, na maior parte dos jovens, prescindindo da verdade cristã, num confronto difícil com aquilo que é oferecido pelos meios de comunicação, pelos grupos coetâneos, pelas idéias predominantes no próprio ambiente, pelas percepções espontâneas, pelas conclusões atribuídas às ciências.

O contato com a Igreja é difícil. Os programas sistemáticos de formação religiosa terminam com a crisma, enquanto o desenvolvimento do jovem ainda continua com os estudos universitários ou com experiências sociais que marcam a pessoa.

Acontece, todavia, nessa idade, a busca de sentido que só uma minoria percebe de forma consciente, mas que está presente num grande número de jovens. Quando entrevêm um sinal que os impressione, um interlocutor que os compreenda, uma empresa em que vale a pena empenhar-se, ou um modelo atraente, aflora então a questão juvenil que encontramos no Evangelho: «o que devo fazer para ter a vida eterna?».

Trata-se de uma questão sempre latente, que os jovens exprimem, em graus e formas diversas, mais com as atitudes do que com as palavras. De aí a participação em experiências religiosas que envolvem fortemente a pessoa e tocam o sentimento: voluntariado, empenho dos jovens como animadores na vida eclesial, especialmente no setor juvenil, jornadas ou vigílias de oração, missões.

Sabemos que Jesus está sempre pronto a responder e transcender as expectativas dos jovens. O Pai chama-os para se construírem como pessoas conforme a imagem de Cristo. O Espírito move o seu desejo e consciência, orientando-os à Palavra e à pessoa de Jesus. Sabemos que a Igreja vê na juventude o reflexo e a imagem de si mesma, chamada a renovar-se continuamente e a manter a esperança da vida em plenitude.

À Igreja é confiada a tarefa de ser mediadora do encontro entre os jovens e Jesus Cristo vivo. Ela deve, para ter sucesso, recebê-los em suas comunidades com a compreensão do Bom Pastor, mas deve também sair em sua busca; eliminar a distância física, psicológica e cultural que existe entre ela e o mundo juvenil; superar a estranheza recíproca na forma de linguagem, de gostos, de experiências de vida e de projetos; vencer a competição com outras ofertas que tenham um impacto mais sensível e imediato; dar sentido e esperança, anunciando a boa notícia no coração da vida.

Seria inútil ter um “depositum” de verdade, se não se chegar a tomar contato, a fazer-se entender, a iluminar, a compartilhar.

A partir destas considerações brotam algumas sugestões.

1. A juventude, em seus diversos grupos e atitudes em relação à fé, seja destinatária de uma atenção especial por parte dos pastores e das comunidades eclesiais. Medellín dedicou à juventude um generoso capítulo; Puebla fez da juventude, com os pobres, objeto de uma opção preferencial, que Santo Domingo assumiu e confirmou. Convém, na aurora do terceiro milênio, não diminuir, mas concentrar de forma mais in-

tensa a atenção nessa linha de evangelização.

2. O cuidado pastoral da juventude só pode desenvolver-se em parte nos ambientes comuns (paróquia, família, instituições). A juventude precisa ser também considerada como um âmbito ou setor de missão ao qual sejam dirigidas mensagens e iniciativas específicas. A catequese paroquial e a educação formal nas instituições não bastam para o contato com os jovens. Muitos não são alcançados por esses programas. A pertença dos jovens a esses ambientes é escassa e limitada. Frequentemente distanciam-se deles e elaboram a própria mentalidade de forma autônoma. Será preciso buscar o encontro e o diálogo nos lugares e atividades onde os jovens expressem a própria vida, segundo os interesses sadios que os atraem e as necessidades que experimentam.
3. Os jovens não sejam considerados apenas como objeto de educação e destinatários de mensagens, mas sujeitos ativos de iniciativas em que se estimulem o intercâmbio de mentalidades, as manifestações de comunhão e as novas formas de solidariedade.
4. Convém superar tanto a pastoral só de elite como a equiparação de todos nos níveis elementares da formação cristã. É preciso buscar caminhos novos para o primeiro anúncio ao maior número possível, procedendo ao mesmo tempo à formação de grupos de fé, de empenho apostólico ou de sadios interesses culturais; e, ao mesmo tempo, acompanhar de forma pessoal os que respondem de forma mais adequada, ajudando-os a amadurecer a opção evangélica de vida e a fazer da santidade o ideal no qual se inspirar.
5. Faltam hoje em muitas igrejas lugares de acolhida e de convocação, onde os jovens possam encontrar-se na busca de companhia, diálogo, amizade, participação em causas nas quais empenhar-se. Iniciativas e movimentos interessantes florescem lá onde se possa contar com um centro juvenil, compreendidos os interparoquiais.
6. Tornam-se necessárias, para que se realize o encontro nos lugares, interesses e atividades juvenis, e para que os ambientes de acolhida e de reunião predispostos pela Igreja realizem a própria função, pessoas com capacidade de encontro e diálogo, que dêem atenção e interpretem à luz de Cristo o que vai surgindo no mundo juvenil e saibam-no tratar com a pedagogia do Bom Pastor.

5.2. Comunicação ao Senado Acadêmico da UPS

Apresenta-se o texto da relação feita pelo Reitor-Mor ao Senado Acadêmico da UPS, na reunião de 5 de novembro de 1997, em que dá indicações dos passos em vista da formulação do “projeto operativo orgânico” da Universidade, também através de um oportuno caminho de revisão.

Estou contente por presidir a presente reunião do Senado Acadêmico num momento particularmente importante para a UPS, depois do apelo feito à Congregação através dos ACG quanto ao empenho cultural e ao renovado amor ao estudo.

Contemplo as duas realidades, UPS e interesse pastoral pela cultura, estreitamente relacionadas do ponto de vista real e simbólico. Aproveito a ocasião para apresentar-vos os votos que não pude exprimir na abertura do Ano académico por causa de uma visita programada anteriormente ao Camboja e à China.

Aproveito também para cumprimentar o novo Reitor, agradecendo-vos pela colaboração para a sua nomeação, e a Ele pela sua disponibilidade. Juntos, caber-vos-á conduzir a nossa Universidade além dos umbrais do ano 2000, fazendo frutificar também a ocorrência do seu 25º aniversário.

1. Algumas convicções

Manifestei em diversas ocasiões, particularmente na Relação sobre o Estado da Congregação ao CG24, algumas convicções a respeito da UPS. Não as retomo agora. Chamo, porém, a atenção para três afirmações que considero como ponto de partida, fecundo em sua simplicidade, para o nosso discurso.

A primeira diz respeito aos resultados obtidos até agora e a situação atual da UPS, definida globalmente positiva. A UPS “realiza, em seu conjunto, a missão que lhe foi confiada” (n. 208) e apresenta-se rica de possibilidades que ainda devem ser desfrutadas. Manifesto-vos por isso novamente o meu reconhecimento e, através de vós, a todos os que carregam ou carregaram a responsabilidade de animação e governo da Universidade. Sentimos o seu influxo benéfico em todo o corpo da Congregação e da Família Salesiana.

Segue daí, e esta é a segunda constatação, que, à medida que a Congregação se expande e se multiplicam os desafios da missão, à medida que cresce a demanda de qualidade no serviço pedagógico, na evangelização, na inculturação e no cuidado da comunhão, no quadro da realidade salesiana, aumenta a importância e a atualidade

da função da UPS, como expressão qualificada do carisma salesiano a serviço da Igreja. O seu potencial cultural e formativo deve ser ulteriormente qualificado. Há muito a buscar na experiência anterior, no carisma salesiano, no progresso das ciências educativas e pastorais, nas novas situações da juventude, nos estímulos que percorrem a Igreja (cf. Relação ao CG24, n. 229).

De aqui uma terceira convicção: a evolução dos últimos anos e a previsão de novos desenvolvimentos levam a recorrer à necessidade de refletir, quase de forma extraordinária, sobre o Projeto operativo orgânico da UPS, em perspectiva de futuro, em médio e longo prazo, à luz da sua missão na Congregação e na Igreja (cf. Relação ao CG24, n. 224).

A respeito desse projeto eu indicava na Relação ao CG24 alguns objetivos fundamentais: repensar a identidade e significatividade da UPS, não em geral, mas à luz de novas possibilidades que possam ser assumidas ou excluídas (alunos, docentes, cursos, currículos, encaminhamentos); simular os passos concretos para os próximos anos em que a qualidade deve ser o critério orientador; aprofundar a relação UPS-Congregação; estudar a reestruturação dos edifícios; esclarecer a rela-

ção UPS-Visitadoria (cf. Relação ao CG24, nn. 224-229).

Dizia, por isso, na reunião do Senado Acadêmico de 6 de novembro de 1996: "Podemos projetar no sexênio um caminho em continuidade com o passado, mas também com oportunas revisões e novas opções qualificadoras. Dever-se-ão melhorar as estruturas dos edifícios, modificar alguns estatutos, mas interessa-nos sobretudo elaborar o Projeto operativo orgânico da Universidade". "Na exploração do Projeto operativo orgânico — acrescentava — é preciso um diálogo de entendimento com o Reitor-Mor e o seu Conselho que, agradecendo a Deus, existe e é inspirado na cordialidade fraterna e no espírito salesiano. Ele, contudo, deve ser aperfeiçoado justamente em vista do projeto, organicidade e operatividade".

2. O caminho em vista do projeto operativo orgânico

Desde então, procurei aprofundar essa perspectiva através da comunicação contínua com o Conselheiro da Formação, da reunião do "Curatorium", em que estavam presentes todos os decanos, e no encontro prolongado com os conselheiros de dicastério, o Reitor da UPS e o Superior da Visitadoria, duran-

te a sessão intermédia do Conselho geral realizada em março de 1997.

Surgiram dela alguns passos que podem ser um caminho para a formulação do Projeto operativo orgânico.

— Não é a primeira vez que a Congregação avalia globalmente, verifica a orientação e relança o desenvolvimento da Universidade. Isso não significou, em nenhum caso, “deter-se”; e nem sequer o nosso esforço atual exige-o. Isso significa simplesmente que a Congregação interessa-se pela Universidade Salesiana, sente-se a principal responsável por ela e deseja-a como expressão insigne da sua missão e instrumento privilegiado para a formação da mentalidade e dos irmãos.

O CGE (1972) recolheu as orientações para “O Pontifício Ateneu Salesiano” na quarta parte do documento sobre a formação. O CG21 (1977-78) elaborou linhas específicas e numerosas indicações operativas sobre a “Obra PAS e Universidade Pontifícia Salesiana” (cf. CG21 nn. 343-370). Em setembro de 1979, o Reitor-Mor, P. Egidio Viganò, numa carta oficial ao Reitor Magnífico, publicada nos Atos do Conselho Superior, falava de “re-fundação da Universidade” e indicava os objetivos a serem alcançados, os

pontos-chaves a terem-se presentes, as exigências por parte da Congregação.

Desde então, a Universidade procurou manter o passo dos acontecimentos da Igreja, da sociedade e da Congregação. São provas disso as numerosas iniciativas em âmbito académico, de pesquisa e de extensão cultural. Vivemos, porém, tempos marcados pelo rápido suceder-se de mudanças, pela complexidade e pela multiplicidade em que é preciso revisitar o que se foi criando, às vezes de forma setorial, para confrontá-lo com uma avaliação de conjunto da Universidade e das questões emergentes.

As circunstâncias atuais da Congregação tornam ainda mais urgente a tarefa evidenciada na última Visita de conjunto e estimulam o nosso trabalho de projeto. Evidencio algumas das principais circunstâncias.

— A releitura do CG e o levantamento da realidade da Congregação levaram o Reitor-Mor e o seu Conselho a estabelecerem quatro áreas prioritárias de atenção e intervenção que possam criar em longo prazo novas modalidades de ação: as novas relações entre SDB e leigos, a significatividade da presença salesiana, o novo papel da comunidade religiosa, entendida como núcleo animador de numerosas forças educativas, e

a qualidade da formação na dimensão espiritual, cultural e pastoral. Seria interessante aprofundar a projeção dessas prioridades no contexto específico da UPS, mas não é este o momento de fazê-lo.

— Por outro lado, a necessidade de esclarecer as metas salesianas a serem atingidas, a conveniência de caminhar com projetos compartilhados, concordando as respostas às novas necessidades com as prioridades, valorizando adequadamente os recursos disponíveis em função de uma presença mais significativa, levaram a Congregação e muitas inspetorias ao processo de revisão, de redefinição e de reprojeção, apoiado pela contribuição de profissionais e especialistas muitas vezes externos. Constatamos com efeito que no conjunto de algumas iniciativas interagem aspectos e elementos nos quais a nossa competência precisa de ajuda e confirmação.

— Acrescento o fato de que a presença salesiana estendeu-se no campo universitário com modalidades diversas; particularmente pelo aumento numérico das instituições universitárias salesianas e pelo crescimento contínuo de algumas delas (cf. Carta ACG 361). Trata-se de iniciativas muito diversas entre si e não confiadas diretamente à responsabilidade da

UPS. É natural, porém, que a UPS constitua um ponto de referência que arraste e preste um serviço de estímulo, especialmente nesta etapa em que se devem traçar com maior clareza a identidade e a orientação desses centros. O nosso empenho global no âmbito universitário é um serviço aos destinatários e também participação ativa na evangelização da cultura que tanto preocupa a Igreja.

Dois percursos fundamentais podem favorecer a visão de conjunto da realidade UPS e a sua projeção para o futuro: revisão dos Estatutos, Ordenamentos, Currículos e Orgânicos, e “avaliação da qualidade da Universidade”.

2.1. A Revisão de Estatutos, Ordenamentos, *Ratio Studiorum* e Orgânicos é o principal caminho de revisão e re-projeção. Ele ocupa-vos no momento e constituirá o empenho extraordinário deste ano acadêmico. Uma vez que sois particularmente adentrados nas dificuldades e nas linhas a seguir, não me detenho a dar-vos sugestões ou critérios. Recordo-vos apenas que eles devem garantir a participação, mas também assegurar a agilidade nas decisões; abrir espaços à inovação e à iniciativa, mas também favorecer a convergência e visão de conjunto.

2.2. Às revisões internas, de que não colocamos minimamente em dúvida a seriedade e o rigor, parece oportuno e útil nesta passagem, acrescentar a contribuição da *avaliação conduzida por competentes externos*.

Com essa finalidade colocamo-nos em contato com a Associação das Universidades Europeias ou Conferência dos Reitores Europeus (CRE). Já conhecéis as finalidades, o método e os prazos do “Programa de avaliação institucional da CRE” e, particularmente, da “Auditoria da CRE para a qualidade institucional”.

Não se trata de uma intervenção externa; ela nos envolve a todos e quer estar atenta às exigências específicas da nossa Universidade, sua missão, sua cultura. Conhecendo outras experiências similares, esperamos uma ajuda para o melhor emprego dos recursos, uma projeção mais clara quanto ao futuro e uma melhor organização e gestão institucional. Pode ser uma ocasião de formação permanente para nós, no ofício que nos é próprio, através da maior compreensão da estrutura em que trabalhamos. Em todo caso resulta evidente que também nesta operação, sois vós os atores principais.

Os objetivos específicos da Auditoria CRE não coincidem com os que se propõe a revisão

de Estatutos e Ordenamentos, embora estejam relacionados com eles. Não pareceu, portanto, nem oportuno nem possível realizar os dois processos ao mesmo tempo ou esperar o êxito da Auditoria antes de encaminhar a revisão dos Estatutos e Ordenamentos. No primeiro caso, provocar-se-ia um acúmulo de trabalhos e encontros; no segundo um prolongamento injustificado dos prazos.

A Auditoria compreende uma auto-avaliação, a pré visita, a visita e a relação final. Estende-se por um período de um ano e meio. Segundo as primeiras previsões poderíamos dispor dos resultados na primavera do ano 2000.

O calendário e os prazos que vos foram comunicados, concentram, por isso, neste ano acadêmico a nossa atenção sobre a revisão dos Estatutos e Ordenamentos, *Ratio Studiorum* e Orgânicos, enquanto colocam no outono de 1998 o processo de “Auditoria” através da auto-avaliação.

2.3. Acrescento, a título de informação e sem entrar em detalhes, que se dará início proximoamente à revisão da situação e da estrutura administrativo-econômica da Universidade e da Visitadoria. Ela será feita também por pessoal externo competente. Foi disposta, com o meu

consentimento, pelo Economista Geral da Congregação, Presidente do Conselho Superior de Administração da UPS.

Em sede deste organismo já se falara da oportunidade de uma iniciativa desse tipo e questões semelhantes foram expressas em outros níveis sobre a estrutura administrativa da Universidade e de suas relações com a da Visitadoria.

Os especialistas, aos quais será confiada essa revisão, desenvolveram o mesmo serviço no âmbito do Economato geral da nossa Congregação e espera-se deles uma visão “profissional” da administração e do financiamento com as conseqüentes sugestões para uma gestão transparente e atualizada.

2.4. Os próximos anos verão a Congregação e a Universidade empenhadas em importantes e onerosas intervenções no campo das edificações. Essas intervenções, algumas já decididas, não são independentes do Projeto de que estamos falando. Nem o Projeto da Universidade e a sua gestão podem prescindir de uma atenta consideração do aspecto das edificações e, mais em geral, do econômico; nem estes podem ser pensados, logicamente, e realizados, sem referência estrita e principal ao Projeto universitário.

As determinações de opções e prazos que dizem respeito ao âmbito de construções dependem até o momento em alguma medida da Direção geral e estão também em relação com a possibilidade de contribuições externas; possibilidade que deveria ser definida em prazos breves.

2.5. O horizonte de tempo no qual nos movemos leva-nos a recordar outros acontecimentos, de outra natureza, que dão oportunidade para revisões e reordenações. Penso no Capítulo da Visitadoria (1998), na Visita extraordinária (1999), na Visita de conjunto (2000). É claro que a sucessão de oportunidades produzirá os seus resultados à medida que partirmos e nos orientarmos segundo visões de base compartilhadas também sobre procedimentos, desenvolvimentos setoriais e caminhos.

3. Visita acadêmica

É minha intenção entrar nos problemas, acompanhar o mais possível e orientar, quando for necessário, o processo de revisão e projeção que envolve a responsabilidade do Reitor-Mor e Grão-Chanceler e empenha a Congregação.

Para conhecer as instâncias que vão surgindo na revisão dos

Estatutos e Ordenamentos e suas conseqüências, para ter uma visão adequada da situação da UPS e as perspectivas a serem estabelecidas para os próximos anos, julguei oportuno realizar proximamente *uma visita acadêmica*, segundo o que se indica nos Ordenamentos n. 4 § 1.2.

A visita terá uma finalidade de particular e limitada. Trata-se de recolher dos responsáveis do governo da Universidade nos diversos níveis, informações, avaliações e sugestões úteis ao Reitor-Mor e Grão-Chanceler para a revisão dos Estatutos e Ordenamentos e, mais em geral, para a sua tarefa de orientar, apoiar, decidir sobre o que se refere ao funcionamento da UPS e, particularmente, à realização concreta da sua missão nos próximos 10 ou 15 anos.

Ser-me-á certamente útil a visão sobre a situação da Universidade e a indicação das perspectivas de futuro por parte dos que a conhecem por dentro.

A contribuição que vos peço é, pois, específica e tem algumas características.

Coloca-se na perspectiva da responsabilidade de governo do Reitor-Mor e Grão-Chanceler, primeiro responsável pela consecução da finalidade da Universidade e de garantir a sua condição: prioridades, opções,

gestão interna, condições estruturais de funcionamento, pessoal, recursos; relação com a Congregação e com a Igreja; etc.

Parte, e isso exige certamente um esforço, de uma visão de conjunto em que se deve calcular os aspectos particulares ou setoriais para avaliar o seu peso, dimensões, espaço de iniciativas, relações com outras realidades.

Está atenta à situação atual da Congregação e da própria UPS e leva em consideração as condições reais de desenvolvimento em médio prazo com abertura total ao que o futuro irá sugerindo ulteriormente.

A visita que anuncio não se propõe, então, a avaliar o aspecto especificamente acadêmico. Não tem os objetivos e não atinge a profundidade da Auditoria da CRE quanto à qualidade institucional, embora devesse antecipar a percepção de alguns aspectos que serão objeto dessa avaliação. Não contempla o contato com todos os organismos ou setores de atividade e da vida universitária. Não é a “Visita extraordinária”, que pela sua natureza, se refere particularmente ao aspecto “religioso”.

É uma visita de caráter informativo a serviço do governo da Universidade; não de decisões, ma pensada em função de orientações, compromissos ou

decisões, que poderão ser assumidos durante o processo de reformulação dos Estatutos e Ordenamentos, ou sucessivamente.

Pareceu-me necessária, no momento em que estão sendo examinados os Estatutos e Ordenamentos e no período em que, como disse, se deverão fazer opções em diversos âmbitos da realidade UPS (por exemplo, o das construções). Confiei-a ao Conselheiro geral para a formação, P. Giuseppe Nicolussi.

Espero que possa iniciá-la em meados deste mês. A duração prevista é de duas a três semanas. O Visitador procederá principalmente através de encontros pessoais. Pedi-lhe que encontrasse pessoalmente o Reitor e o Vice-Reitor, os Decanos das Faculdades, os Oficiais maiores, os Membros do Senado Acadêmico, os responsáveis de alguns setores da vida universitária, os ex-Reitores presentes na UPS, outros membros do corpo acadêmico que desejassem exprimir-se ou cuja contribuição ele julgasse oportuno pedir. Poderá seguir também outros caminhos e fazer outros contatos, que lhe permitam cumprir a tarefa que lhe foi confiada e apresentar uma relação iluminante ao Grão-Chanceler.

As intervenções que listamos (revisão, verificação da qua-

lidade, visita acadêmica, etc.) exigem certamente aplicação, mas não deveriam impedir o desenvolvimento normal dos compromissos universitários. A participação de todas elas levará, sem excessivas sobrecargas, a realizar com maior qualidade, através de um projeto acadêmico e compartilhado, a missão que a Igreja e a Congregação confiaram à UPS.

Concluo expressando ainda uma vez, em meu nome pessoal e no da Congregação, a gratidão pela vossa dedicação à formação, ao ensino e à pesquisa, e vos agradeço antecipadamente pela contribuição de conhecimento e de experiência que me fareis chegar na Visita acadêmica e que dareis nas demais passagens do processo que procuramos enunciar.

O esforço que fazemos é realmente extraordinário: corresponder ao advento do 3º milênio, à tensão da nova evangelização, aos desafios da cultura e à vitalidade demonstrada pela Congregação no CG24, à potencialidade da UPS.

Confiamo-lo ao Senhor e a Maria "Sedes Sapientiae", que inspira e sustenta o nosso propósito.

5.3. Um serviço às instituições universitárias salesianas

Apresenta-se a carta do Reitor-Mor com que institui junto à Direção Geral um serviço, por tempo determinado, às instituições universitárias salesianas, confiando o encargo ao P. Carlos Garulo.

Port. n. 2080/97

*Aos Srs. Inspetores,
aos seus Conselhos
e a todos os Irmãos das instituições universitárias salesianas.*

Queridos Irmãos,

em minha recente Carta circular *Por vós estudo* sobre a nossa preparação cultural e sobre a qualidade do nosso trabalho (cf. ACG 361), atraía a vossa atenção para um campo significativo da nossa missão, que tem um relevo particular na formação das pessoas e na elaboração e difusão de cultura: as instituições universitárias salesianas, que estão crescendo em número e em qualidade.

A Igreja também olha com esperança para esse campo no contexto da nova evangelização, pelo influxo que essas instituições podem ter na formação de

um projeto cultural, inspirado no Evangelho, capaz de criar relações novas na sociedade e no mundo e de iluminar as pessoas na busca da verdade e do sentido da vida. Também no recente Sínodo dos Bispos para a América ouviu-se um eco da importância das instituições educativas e escolásticas, particularmente daquelas de nível universitário.

Tendo por base a revisão do nosso trabalho universitário, feita tanto por ocasião do CG24 como pela publicação da citada Carta *Por vós estudo*, a fim de dar atenção ao número crescente de nossas instituições universitárias, mas também às necessidades e expectativas expressas pelos responsáveis em várias ocasiões e encontros (podem-se recordar particularmente as conclusões do encontro feito em Brasília em 1995), julguei agora oportuno — de acordo com o meu Conselho — promover, por tempo limitado, **um serviço da Direção Geral em vista das instituições universitárias salesianas** (excluída obviamente a UPS, que está sob a responsabilidade direta do Reitor-Mor que é o seu Grão-Chanceler).

Esse serviço, alinhado ao grande esforço de qualificação cultural, pedido hoje à Congregação, coloca-se como *signal de um trabalho peculiar* nessa área de influência especial para a nossa missão.

Ele propõe-se buscar as condições gerais comuns — no respeito das normativas de cada Estado — que garantam, tanto em cada instituição como no seu conjunto, “uma *presença salesiana significativa* em nível científico, educativo e pastoral” entre os centros que “produzem e promovem cultura” na sociedade (cf. *Carta Por vós estudo*).

Confiei ao irmão Padre **Carlos Garulo**, a quem agradeço pela disponibilidade demonstrada, o encargo de **orientar e animar esse serviço** às Instituições Universitárias Salesianas (IUS).

Como dizia, trata-se de um serviço que terá uma duração limitada no tempo, até à consecução dos objetivos propostos. O Encarregado responderá sobre o seu trabalho ao Reitor-Mor e terá como referenciais, com os quais colaborará, os Conselheiros Gerais para a Formação e para a Pastoral Juvenil. Seus interlocutores ordinários serão: os Inspetores responsáveis por instituições universitárias salesianas existentes no próprio território e as autoridades acadêmicas das mesmas instituições.

Finalidade e âmbito do serviço será, primeiramente, encaminhar *um levantamento da situação das IUS* (dados, análises e conclusões), com a finalidade de:

- definir, por parte do Reitor-Mor e do seu Conselho:
 - a *política geral* da Congregação nesse campo;
 - e uma *orientação autorizada* que ajude a CEP de cada instituição universitária a definir o próprio projeto cultural, educativo e pastoral (cf. *Por vós estudo*, ACG 361, pág. 44);
- prever e dar início ao plano de *colaboração e sinergia* entre as IUS;
- *orientar e acompanhar as Inspetorias* responsáveis pelas IUS.

Queridos Irmãos, espero que, também através da contribuição deste serviço possamos ajudar sempre mais as nossas instituições universitárias, tanto na realização das revisões necessárias como, sobretudo, na consecução da *competência salesiana e qualidade cultural e profissional*, de que vos falava na citada Carta (cf. ACG361, pág. 45).

Coloquemos o nosso trabalho sob a proteção da Auxiliadora invocando, por sua intercessão, a sabedoria que é dom do Espírito.

Roma, 8 de dezembro de 1997
P. Juan E. Vecchi

5.4. Novos Bispos Salesianos

Publicamos alguns dados sobre os três novos Bispos Salesianos.

1. Dom DALLA VALLE Franco, Bispo de JUÍNA (Brasil).

O *L'Osservatore Romano* publicava no dia 24 de dezembro de 1997 a notícia da nomeação do sacerdote salesiano *Franco DALLA VALLE* como bispo de uma nova Diocese no Brasil, JUÍNA, Mato Grosso.

Nascido no dia 2 de agosto de 1945 em Crespano del Grappa, província de Treviso, Itália, Franco Dalla Valle foi aluno do aspirantado de Penango, Piemonte, do qual passou ao noviciado de Chieri-Villa Moglia, onde emitiu sua primeira profissão salesiana em 16 de agosto de 1963.

Após os estudos filosóficos partiu como missionário para o Brasil, destinado à Inspetoria de Manaus. Fez aí o tirocínio prático e a profissão perpétua. Voltou à Itália para os estudos teológicos, realizados em Castellamare di Stabia. Em 26 de agosto de 1972 era ordenado padre no Colle Don Bosco.

Retornando ao Brasil, desenvolveu trabalhos pastorais em algumas casas. Em 1982 foi nomeado diretor do aspirantado salesiano de Manaus e inserido

no Conselho Inspetorial, com o encargo da animação vocacional, que manteve até 1988, quando foi enviado como diretor em Ji-Paraná. Em 1990 foi nomeado diretor e mestre dos noviços no noviciado de Candeias, Porto Velho. Em dezembro de 1991, o Reitor-Mor confiava-lhe a guia da Inspetoria da Amazônia como Inspetor.

Chamado agora ao serviço episcopal, foi consagrado Bispo pelas mãos do Sumo Pontífice João Paulo II, em Roma, na solenidade da Epifania de 1998.

2. Dom GIOVENALE Flávio, Bispo de ABAETETUBA (Brasil).

No dia 8 de outubro de 1997 era publicada no *L'Osservatore Romano* a notícia da nomeação do sacerdote salesiano *Flávio GIOVENALE* como Bispo de ABAETETUBA, uma nova Diocese no Brasil.

Nascido em Murello (Cuneo) em 5 de junho de 1964, Flávio conheceu os salesianos ainda menino freqüentando a casa do aspirantado de Peveragno, onde amadureceu a vocação salesiana missionária. Feito o noviciado em Pinerolo, emitiu a primeira profissão em 8 de setembro de 1971 e partiu em seguida para as terras de missão. Encontramo-lo em 1973 no Brasil, Lorena, onde freqüenta os es-

tudos filosóficos, conseguindo a Licença em Filosofia. Faz o tirocínio em Ananindeua, ao qual seguem-se os estudos teológicos no estudantado de São Paulo. Em 20 de dezembro de 1981 é ordenado presbítero em Murelo, sua cidade natal. Aperfeiçoa em seguida seus estudos na UPS, obtendo a licença em Teologia Espiritual.

Retornando ao Brasil, é chamado logo a encargos de responsabilidade. Em 1985 é nomeado diretor do aspirantado de Manaus – Aleixo, trabalho que desenvolve por um sexênio. Em 1990 é chamado a fazer parte do Conselho Inspecional e, em 1992, é nomeado ecônomo inspetorial, encargo que desenvolvia até o momento com outros empenhos de animação e pastoral. Foi também, por um biênio, secretário inspetorial.

3. Dom KOTHGASSER Alois, *Bispo de INNSBRUCK* (Áustria).

Com data de 10 de outubro de 1997, o *L'Osservatore Romano* publicava a notícia da nomeação do sacerdote salesiano Alois KOTHGASSER como Bispo da diocese de INNSBRUCK, no Tirol (Áustria).

Nascido em 29 de maio de 1937, em Lichtenegg, Rosenthal, diocese de Graz-Seckau (Stira, Áustria), Alois Kothgasser é sa-

lesiano desde 16 de agosto de 1955, quando emitiu a primeira profissão religiosa em Oberthalheim, ao final do ano de noviciado. Professo perpétuo em 1958, depois do tirocínio prático, seguiu os cursos de teologia no Pontifício Ateneu Salesiano. Aqui recebeu a ordenação presbiteral em 9 de fevereiro de 1964 e conseguiu a Licença e depois o Doutorado em Teologia.

Foi por vários anos válido e apreciado professor de Teologia junto ao Ateneu, depois Universidade Pontifícia Salesiana.

Retornando à sua Inspetoria de origem foi desde 1981 professor de Teologia Dogmática e em seguida Reitor da Escola Superior Filosófico-Teológica de Benediktbeuern, Alemanha, onde alcançou-o a nomeação para Bispo.

5.5. Reitor da Universidade Pontifícia Salesiana

A Congregação para a Educação Católica, com decreto de 3 de julho de 1997, com proposta do Reitor-Mor, de acordo com os Estatutos, nomeou o Revm^o Prof. P. Michele PELLEREY Reitor Magnífico da Universidade Pontifícia Salesiana, em substituição ao Revm^o P. Raffaele Farina, chamado ao encargo de Prefeito da Biblioteca Vaticana.

Michele Pellerey, nascido em 18 de maio de 1935 em Pegli,

Gênova, aluno do Instituto Sagrado Coração de Roma, é salesiano desde 16 de agosto de 1951, quando emitiu a primeira profissão religiosa, ao final do ano de noviciado feito em Varazze. Concluídos os estudos filosóficos e o tirocínio prático, seguiu o curso de teologia no estudantado de Bollengo, onde foi ordenado presbítero em 25 de março de 1961.

Conseguido o doutoramento em Matemática junto à Uni-

versidade “La Sapienza” de Roma, foi chamado à Universidade Pontificia Salesiana como titular da cátedra de Didática Geral, trabalho que desenvolveu com competência durante todos estes anos. Foi sucessivamente diretor do Instituto de Didática, diretor da Faculdade de Ciências da Educação, Vice-Reitor da Universidade desde 1992 e Diretor do Instituto de Ciências da Comunicação Social desde 1995.

5.6. Irmãos falecidos (1997 – 4ª lista)

«A fé em Cristo ressuscitado sustenta a nossa esperança e mantém viva a comunhão com os irmãos que repousam na paz de Cristo. Consumiram a vida na Congregação, e não poucos sofreram até mesmo o martírio por amor do Senhor... Sua lembrança é estímulo para continuarmos com fidelidade nossa missão» (*Const.* 94).

NOME	LUGAR	DATA DA MORTE	IDADE	INSP.
E ALANGIMATTATHIL Abraham <i>Foi Bispo de Kohima (Nagaland, Índia) por 23 anos</i>	Dimapur	18-11-97	65	
P ALDEGHERI Michelangelo	Chioggia (VE)	28-12-97	81	IVE
P BAKAN Jozef	Izola	16-12-97	84	SLO
P BALDAN Gastone	Savona	28-11-97	81	ILT
P BASSI Giuseppe	Bolonha	25-11-97	88	ILE
P BERNARD Stephen	Chellampattidai	07-11-97	70	INM
P BERTINI Alberto	San Isidro (Bs. As.)	12-11-97	88	ABA
L BEVC Joze	Colle Don Bosco	17-11-97	88	ICP
L BODRITO Giovanni	Savona	21-12-97	77	ILT
P BOHLEIN Nikolaus	Schwandorf, Baviera	14-11-97	89	GEM
P CABRAL Augusto Duarte	Resende, RJ	23-10-97	78	BBH
P CALDERÓN Jesús	Los Teques	20-12-97	76	VEN
P CELANI Luigi	Roma	27-10-97	89	IRO
P CINQUINA Francisco	La Plata	18-11-97	80	ALP
L COLOMBATTI Mario	Turim	04-06-97	80	ILE
L COSIO Andrea	Caleta Olivia	29-10-97	73	ABA
P DALMET Anand	Pune	10-10-97	38	INB
L de GODOY Carlos	Campinas	26-10-97	91	BSP
P DELGADO José Justo	Oviedo	12-10-97	93	SLE
P DI GRADO Andrea	Palermo	25-12-97	82	ISI
P DITTRICH Ladislao	Roma	11-10-97	68	IRO
P DOBLER Hermann Maria	Fulpmes, Tirol	21-11-97	82	AUS
P DOWNEY John Joseph	Limerick	14-12-97	76	IRL
P FORNASARI Alberto	Milão	27-11-97	88	ILE
L FURLAN Vinko	Ljubljana	30-12-97	86	SLO
P GISBERT Vicente	Valencia	27-12-97	61	SVA
L GONZALEZ Silva Justo	Santiago de Chile	19-11-97	99	CIL
P GOURVÈS Jean-François	Caen	25-10-97	59	FPA

NOME	LUGAR	DATA DA MORTE	IDADE	INSP.
L GRIEB Johann	Essen	24-10-97	84	GEK
P HERNÁNDEZ GARCÍA Emilio	Mohernando	13-12-97	80	SMA
<i>Foi Inspetor por seis anos</i>				
P KENNEDY Cyril	Liverpool	30-12-97	74	GBR
<i>Foi Inspetor por seis anos</i>				
P KUNZ Santiago	La Plata	27-12-97	83	ALP
L LOURENÇO Matias	Vilarinho	31-10-97	83	POR
P LOWE Joseph	Pallaskenry	07-11-97	85	IRL
L MANZO Giovanni Battista	Turim	07-12-97	74	ICP
P MATKO Ivan	Eisenkappel	16-03-97	86	AUS
P MAZIARZ Franciszek	Rózansko	14-04-97	64	PLN
P MIRÓN Víctor	Alapardo (Madri)	22-10-97	73	SMA
L MÜLLER Arnold	Jünkerath	20-10-97	87	GEK
P MUÑOZ ABAD Rafael	Barcelona	20-11-97	72	SVA
P NEDUMATTATHIL Jose	Maram, Manipur	22-11-97	35	IND
P NICOLAS Théophile	Guingamp	27-10-97	85	FPA
L PANCERI Felice	Como	25-12-97	84	ILE
L PATRUCCO Marco	Alessandria	09-10-97	75	ICP
P PEREZ DELGADO José Luis	Salamanca	01-05-97	56	SMA
P PLOSKI Mikolaj	Gdansk	28-09-97	81	PLN
L POKORN Tomaz	Trstenik	07-12-97	83	SLO
P PONCHIONE Albino	Bangkok	17-12-97	93	THA
L PREVC Franc	Jesenice	07-11-97	83	SLO
PRE Vittorio	Borgomanero	03-11-97	73	ICP
P PREAUD Paul	Gasville	08-12-97	75	FPA
L RIGON Isidoro	Treviso	22-12-97	89	IVE
L RIGUET Mario	La Plata	10-10-97	85	ALP
P ROOZEN Godfrey	Makati, Manila	08-12-97	85	FIN
P SCHERER Richard	Munique	18-12-97	85	GEM
P SELVAGGIO Gaetano	Ribera (AG)	30-11-97	55	ISI
P SPADARI Angelo	Manaus	12-10-97	87	BMA
L STIEN Charles	Bailleul	08-11-97	89	FPA
P SZABÓ Imre	Veszprém	14-10-97	81	UNG
L TIBERI Lelio Vicente	San Isidro (Bs. As.)	11-12-97	83	ABA
P VERGARA Juan de Dios	San Luis Potosí	24-10-97	77	MEG